

O PAPEL DA ENTOAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO
NA DESCRIÇÃO DE ATOS DE FALA

por

JOSEFA FREIXA PASCUAL RIZZO

Dissertação apresentada ao
Departamento de Linguística
do Instituto de Estudos da
Linguagem da Universidade
Estadual de Campinas como
requisito parcial para ob-
tenção do grau de Mestre em
Linguística

Campinas
1981

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

Aos meus pais José e Maria,
pelos valiosos ensinamentos
que me deram desde a mais
terna idade.

Meus sinceros agradecimentos ao Professor Dr. Luiz Carlos Cagliari pela ajuda e pelo incentivo dados durante a elaboração deste trabalho.

Agradeço também à CAPES (Coordenação do Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), que financiou meus estudos no período de agosto de 1978 a agosto de 1980 (processo nº 3449/78).

O PAPEL DA ENTOAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO
NA DESCRIÇÃO DE ATOS DE FALA

Resumo

Nosso ponto de partida nesse trabalho é a hipótese de que os atos de fala se manifestam através de padrões entoacionais bem definidos. O objetivo específico, portanto, é mostrar que a entoação tem um papel importante na descrição de atos de fala, ou, de maneira mais geral, na descrição de uma língua, pelo fato de que a escolha de um ou outro tom é significativa gramaticalmente. Assim, a entoação, sendo um elemento supra-segmental, apresenta funções semelhantes à dos elementos segmentais da língua.

A partir da hipótese inicial, definimos em primeiro lugar, alguns atos de fala, seguindo Austin (1970), Ducrot (1972), Searle (1974). Em seguida, definimos um procedimento de análise da entoação baseado em estudos de M.A.K. Halliday (1970) para o inglês britânico e alguns estudos sobre a entoação do português brasileiro, de Luiz Carlos Cagliari (1978). A partir disso, tentamos sistematizar a entoação do português brasileiro, e por fim, descrever como esta se manifesta nos atos de fala.

Autora: Josefa Freixa Pascual Rizzo

Orientador: Luiz Carlos Cagliari

UNICAMP - 1981

ÍNDICE

	página
Agradecimentos	iii
Resumo	iv
Introdução	1
Capítulo	
1 A SEMÂNTICA E OS ATOS DE FALA	4
1.1 Austin e os Atos de Fala	4
1.2 O Modelo de Descrição Semântica de Ducrot .	11
1.2.1 A Atividade Lingüística	11
1.2.2 O Modelo Descritivo Semântico	20
1.2.2.3 Os Componentes	21
1.2.2.4 Enunciado e Contexto	23
1.2.2.5 Ducrot e os Estudos Semânticos ..	23
1.3 Searle e os Atos de Fala Indiretos	26
1.4 As Atitudes do Falante	28
2 A ENTOAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	30
2.1 O Papel da Entoação na Descrição Lingüística	30
2.2 O Modelo Descritivo da Entoação	31
2.3 O Sistema Entoacional do Port. Brasileiro .	38
2.4 Os Tons Primários	45
2.5 Os Tons Secundários	48
2.6 O Sistema de Tonalidade	49
2.7 O Sistema de Tonicidade	51
2.8 O Sistema de Tons	52

3 A ENTOAÇÃO E OS ATOS DE FALA ::::	56
3.1 Os Dados	56
3.2 Análise dos Dados	60
3.2.1 Ato Ilocucional da Asserção	67
3.2.2 Ato Ilocucional da Interrogação	69
3.2.3 Ato Ilocucional da Promessa	72
3.2.4 Ato Ilocucional da Ordem	75
3.2.5 Ato Ilocucional do Pedido	84
3.2.6 Ato Ilocucional do Convite	86
3.2.7 Ato Ilocucional da Sugestão	88
3.2.8 Ato Ilocucional do Conselho	90
3.2.9 Ato Ilocucional da Súplica	91
3.3 Tabela	93
4 CONCLUSÃO	94
5 BIBLIOGRAFIA	103
6 TABELA DE SÍMBOLOS	105

INTRODUÇÃO

O escopo desse trabalho constitui-se numa tentativa de incorporar o fenômeno entoacional na caracterização semântica de uma língua. Em relação ao problema do significado, consideramos uma teoria da linguagem que leva em conta o fenômeno lingüístico sempre a partir de noções correlacionadas com o processo de comunicação. Isso não significa que tenhamos considerado a função comunicativa a função básica na linguagem. Significa que, em vez de conceber a significação como uma propriedade das expressões de uma língua, apreensível pela análise de características sintático-morfológicas, concebemos os enunciados de uma língua como atos intencionais e motivados que põem lado a lado os interlocutores e o material lingüístico por estes utilizado.

Quanto ao método descritivo do fenômeno da entoação, optamos pelo sistema desenvolvido por M.A.K. Halliday para o inglês britânico porque julgamos ser o mais adequado para o presente trabalho. Analisamos um corpus de mais de 200 enunciados, escolhidos pela autora para ilustrar os fatos semânticos dos atos de fala que se pretendia investigar. O informante desses enunciados é a própria autora. Atualmente, sua fala reflete as características gerais do dialeto paulista. Porém, há uma in-

fluência do dialeto carioca, por ter a autora vivido no Rio de Janeiro durante dez anos, sem contar com uma pequena influência do catalão, primeira língua usada pela autora. Indiretamente, os mesmos enunciados foram comparados com a fala de outras pessoas falantes do dialeto paulista para se ter um certo controle sobre possíveis variações e garantias de interpretações semânticas.

O presente trabalho se propõe a ser mais descritivo do que crítico ou teórico. Por isso, achamos desnecessário apresentar uma revisão da literatura em geral. Obras fundamentais serão comentadas oportunamente no corpo da tese.

A partir da hipótese de que os atos de fala se manifestam através de padrões entoacionais bem definidos (além de ter outras marcas lingüísticas), definimos no primeiro capítulo alguns atos de fala, seguindo Austin (1970), Ducrot (1972), Searle (1974). No segundo capítulo definimos os procedimentos de análise e as características mais gerais do sistema entoacional do português brasileiro, seguindo Halliday (1970) e Cagliari (1978). Finalmente, no terceiro capítulo procedemos à análise dos atos de fala e suas manifestações entoacionais no português brasileiro. Apresentamos ainda algumas considerações finais a respeito do fenômeno estudado, na parte de conclusões da tese.

No final do terceiro capítulo, apresentamos um resumo dos fatos entoacionais relacionados com fatos semânticos, em forma de tabela. E após a bibliografia, há uma tabela com símbolos utilizados neste trabalho.

CAPÍTULO 1

A SEMÂNTICA E OS ATOS DE FALA

1.1 Austin e os Atos de Fala

Segundo Austin (How to Do Things with Words, 1955), quando um falante pronuncia um enunciado do tipo

(1) Eu agradeço o presente que você me deu.

ele não está dizendo apenas o que diz fazer, mas está efetivamente fazendo a coisa que diz fazer, isto é, agradecendo. Austin observou inicialmente que esse fenômeno ocorre com vários verbos da língua. Esses verbos encontram-se na primeira pessoa do singular do presente indicativo e têm a propriedade de realizar o que dizem. Austin chamou-os de verbos performativos, isto é, verbos que 'perform' (realizam) uma ação, ou melhor, que indicam que o objetivo do enunciado é a realização de uma ação. As sentenças em que esses verbos ocorrem são chamadas sentenças performativas e obedecem, ao mesmo tempo, às seguintes condições:

a) Interpretadas literalmente, descrevem uma ação presente de seu interlocutor.

b) Sua enunciação tem por função específica realizar essa ação.

Tomemos como exemplo o enunciado

(2) Eu prometo vir.

onde encontramos

1º Eu digo que estou cumprindo o ato de prometer.

2º Ao mesmo tempo que assinalo minha promessa, a efetuo, isto é, faço o que digo fazer pelo simples fato de dizer.

Entretanto, além dessas duas condições, Austin faz dois tipos de exigências para que possamos realmente dizer que uma ação efetivamente preencheu sua função performativa:

a) Exigências subjetivas: conjunto de sentimentos, desejos e intenções do locutor. Essas condições, chamadas de condições de sinceridade, são necessárias para que o ato seja considerado efetivo.

b) Exigências objetivas: para que a ação seja efetivamente realizada, é preciso que as circunstâncias em que as palavras são enunciadas sejam de alguma forma apropriadas.

"Além da emissão das palavras dos chamados performativos, outras coisas devem, como regra geral, estar certas e ocorrer corretamente, se de searmos dizer que levamos a cabo nossa ação" (Austin 1970:4).

Quando as circunstâncias não são apropriadas, há um fracasso. Nesse caso, a sentença não é falsa, mas 'unhappy' (infeliz). O ato é realizado, mas de maneira imperfeita.

Como existem várias maneiras pelas quais os enunciados podem ser imperfeitos, Austin reuniu-as numa doutrina chamada 'Infelicities' (Frustrações Lingüísticas). A tentativa de isolar os enunciados performativos surgiu da necessidade de reformular o conceito de verdade/falsidade existente na tradição filosófica que encarava a língua como um instrumento que tinha por objetivo descrever fatos e estados de coisas que eram, inevitavelmente, verdadeiras ou falsas. Austin observou que um enunciado do tipo

(3) Ele corre.

é passível de ser classificado de acordo com esse conceito. Chamou esses enunciados de constativos. Quando emitimos um enunciado constativo fazemos, ao mesmo tempo, uma declaração.

Vejamos a seguir outros exemplos:

(4) Eu juro que não fiz isso.

(5) Eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Amém.

(6) Eu ordeno que você saia imediatamente.

(7) Eu fumo um maço por dia.

(8) Eu almoço ao meio-dia.

(9) Eu tenho um filho de dois anos.

Retomando o pensamento inicial de Austin, classi-

ficamos os enunciados (4), (5) e (6) como enunciados performativos e (7), (8) e (9) como enunciados constativos.

A descoberta dos performativos por Austin significou um grande passo para a mudança radical do conceito lógico de verdade que se estabeleceu em seguida. Entretanto, essa reformulação do conceito de verdade a que Austin chegou através do exame minucioso dos enunciados constativos e performativos, não se revelou suficientemente satisfatória.

Num segundo momento, Austin verificou que os critérios que havia usado até então para diferenciar os constativos dos performativos não eram relevantes, já que, entre outras razões:

a) Os constativos também ocorrem na primeira pessoa do singular do presente do indicativo.

b) Os constativos também estão expostos a imperfeições.

c) A questão da verdade ou falsidade que atinge os enunciados constativos também atinge os enunciados performativos.

Em vista disso, portanto, e ao observar, ao mesmo tempo, que existiam expressões na língua do tipo

(10) Irei à praia amanhã.

que tinham a mesma propriedade dos performativos de realizar ações (no caso uma promessa) pelo simples fato de pro

nunciá-las, ele chegou à conclusão de que a existência dos performativos e mesmo a existência dessas expressões não se constituía num dado particular desses itens lexicais, mas numa particularidade da própria linguagem de realizar aquilo que ela diz fazer. A partir disso, Austin desenvolveu um estudo sobre a teoria geral da ação que é realizada pela fala e postulou três tipos de atos, que apresentamos a seguir:

a) Atos Locucionais

Os atos locucionais referem-se à produção de sons pertencentes a um vocabulário e a uma gramática, aos quais é ligado um sentido e uma referência, isto é, uma significação. Ao realizar um ato locucional, realizamos, ao mesmo tempo, um ato ilocucional (ver definição de ato ilocucional logo em seguida). Vejamos os seguintes enunciados:

(11) Você vai estudar amanhã?

(12) A Praça da Sé fica a duas quadras daqui.

Tanto (11) quanto (12) são atos locucionais por que há emissão de certos sons, de certas palavras numa de terminada construção e pelo fato de que sua emissão é pro vida de significação. Além disso, os mesmos enunciados (11) e (12) são, ao mesmo tempo, atos ilocucionais, já que realizam o que dizem. Em (11) por exemplo, faz-se uma per gunta ao mesmo tempo em que esta é realizada. Em (12),

dá-se uma informação.

b) Atos Perlocucionais

Os atos perlocucionais realizam-se 'by saying something' (pelo fato de dizer alguma coisa). É muito frequente, quando falamos, dizer alguma coisa que produz certos efeitos nos sentimentos, pensamentos, maneira de ser e de agir de nossos interlocutores. Quando, por exemplo, dizemos a uma pessoa que se esforçou muito para fazer um exercício:

(13) O que você fez não vale nada.

estamos realizando um ato perlocucional pelo fato de que esse enunciado poderá suscitar, por parte do interlocutor, sentimentos de inutilidade, impotência ou insegurança. O enunciado

(14) Vi o teu marido com a Marly.

também tem boas chances de suscitar na interlocutora uma certa mágoa e até raiva, especialmente se a 'Marly' não é muito bem vista pela interlocutora, mas bem vista pelo marido da mesma.

c) Atos Ilocucionais

Os atos ilocucionais consistem em tornar manifesto como os enunciados devem ser compreendidos no momento em que são produzidos. Realizamos um ato ilocucional 'in

saying' (ao falar). Segundo Austin (1970), é no ato da ilocução que ocorre o "fazer" essencial da fala. O ato ilocucional realiza vários tipos de funções na língua, por exemplo, ordens, promessas, perguntas, etc..., ou seja, existem valores ilocucionais indicadores da força do enunciado.

A seguir, classificamos alguns atos ilocucionais:

- (15) Acende a luz.
(Ato Ilocucional da Ordem)
- (16) Farei todos os exercícios.
(Ato Ilocucional da Promessa)
- (17) Pedro foi embora?
(Ato Ilocucional da Interrogação)
- (18) Eu gostei demais do exame.
(Ato Ilocucional da Asserção)

Nesse sentido, os chamados constativos, a asserção ou a interrogação, por exemplo, fazem alguma coisa (afirmam e interrogam) além de simplesmente dizer alguma coisa e constituem atos ilocucionais tanto quanto os performativos.

Austin afirma que é difícil estabelecer critérios demarcativos rígidos que isolem os atos perlocucionais dos ilocucionais. O ato ilocucional, segundo ele, é sempre produzido segundo uma convenção, mas a dificuldade consiste exatamente em saber onde as convenções começam e onde terminam.

1.2 O Modelo de Descrição Semântica de Ducrot

1.2.1 A Atividade Lingüística

Oswald Ducrot (1973) também propõe um estudo da língua em termos de atos que são realizados pelo simples fato de dizê-los. Ducrot desenvolve o fenômeno geral da ação realizada pela fala a partir de estudos feitos por Collingwood. Segundo esse autor, todo ato (e não apenas o ato lingüístico) se apresenta como orientado para um certo fim. Quando realizamos esse ato, admitimos implicitamente que ele é suscetível de conduzir a esse fim, isto é, que não há, a priori, impossibilidade para seu sucesso.

A partir de Collingwood, Ducrot define ação como

"... toda atividade de um indivíduo quando caracterizada segundo as modificações que ela traz, ou quer trazer, no mundo (estando aí compreendidas as modificações que ela traz à situação física ou social do indivíduo em questão): o mesmo conjunto de movimentos pode assim ser descrito como atividade pura ou como ação, segundo a consideremos em si mesma ou como modificando a relação com o mundo, que ela realiza"(Ducrot 1972: 77).

No último caso, a ação pode realizar-se segundo relações institucionalizadas (légaux) entre os indivíduos e então o que temos é uma ação jurídica como, por exemplo, um ato de autoridade ou um reconhecimento de obrigação. Desse modo, o enunciado de uma sentença por um magistrado é considerada

um ato jurídico, que é um caso particular da ação jurídica. Esse tipo de enunciados obedece sempre ao conjunto de leis que rege a sociedade.

Ducrot postula os seguintes níveis de atividade lingüística:

a) Atividade Locucional

A atividade locucional constitui-se na atividade psico-fisiológica que exige a própria atividade da fala: evocar e combinar idéias, encontrar correspondentes lexicais e gramaticais e fazer o trabalho de escrita e pronúncia necessário. Nesse sentido, qualquer sentença da língua está inscrita na atividade locucional (cf. pág. 8).

b) Atividade Perlocucional

Os atos que se inserem na atividade perlocucional são atos em que a fala é instrumento. Segundo Ducrot, podemos falar com alguém para consolá-lo, amedrontá-lo, divertí-lo, etc... Essas ações são consequências indiretas de atos realizados pela fala (cf. pág. 9).

c) Atividade Ilocucional

A atividade ilocucional constitui-se no que fazemos falando, o que fazemos pelo próprio ato de falar, ou seja, não é nem uma condição de possibilidade (atividade locucional), nem um efeito secundário da fala (atividade perlocucional).

Ducrot considera o ato ilocucional como um caso particular do ato jurídico realizado pela fala. Assim, ele estabelece uma diferenciação mais nítida entre o ato ilocucional e o ato perlocucional apresentado por Austin.

O ato jurídico consiste numa deontologia que é própria do ato lingüístico:

"A transformação que se estabelece a partir da fala não se deve a um efeito anterior à fala nem pode deduzir-se do fato de que informamos o ouvinte de nossos desejos" (Ducrot, 1972: 77).

Dentro dessa perspectiva, e ao contrário de Austin, a simples enunciação de um ato ilocucional é uma garantia de que este ato foi realizado.

Para que se possa compreender melhor o que Ducrot quer dizer quando fala em deontologia do ato lingüístico, é preciso, antes, mostrar como ele trata do implícito na língua.

Ducrot classifica, primeiramente, o implícito na língua em duas categorias principais que chama de procedimentos de implicitação:

a) Implícitos que se fundamentam no conteúdo do enunciado, isto é, na organização interna do discurso, por exemplo:

(19) Ande sempre na moda com os 150 moldes e modelos de Manequim.

Esse enunciado, extraído de uma propaganda, quer chamar a atenção do público para a Revista Manequim.

No enunciado

(20) São oito horas

emitido, por exemplo, numa situação em que um marido chega em casa e, depois de tomar banho, verifica que o jantar ainda não foi servido, o que está realmente sendo dito é qualquer coisa como "Estou com fome" ou "Como é, essa janta sai ou não sai?"

b) Implícitos que se fundamentam na enunciação, onde funcionam como uma condição de existência do ato de enunciação. Nesse caso, o implícito encontra-se num nível mais profundo que o do enunciado. Vejamos o exemplo

(21) Traga-me a carta já.

Nesse enunciado, o locutor não está apenas ordenando o que ele quer que seja feito, mas, de maneira implícita, está dando mostras de sua 'superioridade' em relação ao interlocutor. Esse é o tipo de implícito que chamamos de subentendido.

Em todos os casos que citamos, a significação implícita aparece como superposta em relação a uma outra significação, que Ducrot chama de literal. A significação implícita deixa sempre subsistir, a seu lado, a significação literal, existindo entre elas uma estreita relação já que

para que ocorra a compreensão da significação implícita, é preciso que a significação literal já tenha sido compreendida.

Segundo Ducrot, o problema que o implícito apresenta é o de saber como podemos dizer alguma coisa sem, entretanto, aceitar a responsabilidade de tê-la dito. No caso dos procedimentos de implicitação que acabamos de expor, o locutor deixa que o interlocutor faça o trabalho de reconhecimento do implícito. Segundo Ducrot, esse tipo de implícito não é encontrado na língua, mas reconstituído pelo interlocutor. Desse modo, trata-se de um implícito que faz crer sem ter efetivamente dito.

No entanto, existe na língua um outro tipo de implícito que permite que o locutor diga sem ter dito. Isso é possível através de um fenômeno que Ducrot chama de pressuposição. A pressuposição permite a introdução de certas proposições sem que o interlocutor possa questioná-las já que o único material lingüístico que lhe é disponível é o posto, isto é, a significação explícita.

Vejamos o seguinte diálogo entre A e B. A é uma pessoa baixa que normalmente calça sapatos sem salto. Nesse dia, A calçava uns tamancos azuis muito bonitos. B, que não gosta de A, diz:

(22) Como você fica bem com esse tamanquinho!

ou

(23) Como você fica alta com esse tamanquinho!

Na realidade, ao enunciar (22) ou (23), B disse que A era baixa. O mecanismo que permitiu que isso fosse dito sem ter sido dito chama-se pressuposição. Vejamos então o posto e o pressuposto do enunciado (23):

- (i) posto: Você fica alta desse jeito.
(significação explícita do enunciado)
- (ii) pressuposto: Você não é alta ou Você é baixa.
(significação implícita do enunciado)

Vejamos a seguir um enunciado proposto por Ducrot (1972: 86):

(24) João parou de beber porque Maria deixou de fumar.

Aqui temos

- (i) posto: João não bebe porque Maria não fuma.
- (ii) pressuposto: João bebia e Maria fumava.

Ducrot (1977) define o implícito como aquilo que o locutor quer dizer e para isso faz a seguinte hipótese: "A compreensão de um enunciado consiste em emprestar ao locutor um certo número de intenções, em supor que ele fala X para fazer Y." Segundo o autor essa fórmula geral deve ser especificada substituindo o verbo fazer por designações de atos ilocucionais. A noção de intenção não é um conceito psicológico, mas semântico. Em outras palavras

"A atividade de interpretação que se manifesta a todo momento na comunicação, está fundamentada na suposição de que aquele que fala tem certas intenções de comunicação e que esta consiste em compreender, interpretar essas intenções" (Ducrot 1977: 3).

Portanto, não se trata de afirmar se as expressões do locutor são ou não verdadeiras, como quer a tradição filosófica. Trata-se, na verdade, de tentar definir os mecanismos que permitem interpretar (ler, segundo Ducrot) essas intenções que estão por trás das palavras.

Ainda a partir do que foi exposto, queremos assinalar que o que é verdadeiramente constitutivo da significação é a alteridade, que se define como a necessária presença do outro no intercâmbio verbal. É por essa razão que as entidades lingüísticas não podem definir-se independentemente de seu emprego num diálogo. A língua é o lugar da intersubjetividade, é onde os indivíduos se confrontam de uma maneira ou de outra.

Voltemos novamente à questão da deontologia do ato lingüístico (ver pág. 13). A pressuposição, como já vimos, se apresenta como um mecanismo que permite introduzir certas proposições sem que o interlocutor possa questioná-las. É graças à pressuposição que podemos dizer qualquer coisa, fazendo de conta que não foi dito. O locutor possui, na deontologia lingüística, o direito de impor um quadro ideológico no ato da comunicação que, em última instância, molda o universo lingüístico.

A pressuposição toma o estatuto de ato ilocucional. Os pressupostos são considerados como os conteúdos semânticos visados por esse ato. O ato de pressupor torna-se o ato mais fundamental entre todos os outros porque é justamente a partir dele que impomos ao interlocutor o rumo que queremos dar ao discurso. A pressuposição obriga o ouvinte a dar continuidade à fala que já se instalou. Do ponto de vista lingüístico, o pressuposto é escolhido como sendo objeto de uma vontade do locutor. Satisfaz, portanto, à noção de intencionalidade que é um requisito necessário para que pertença ao sentido. Descobrir um pressuposto é atribuir ao locutor uma certa intenção.

A pressuposição, entretanto, mesmo fazendo parte do implícito, está inscrita na própria língua.

"Os pressupostos de um enunciado são fundamentalmente elementos de seu conteúdo, componentes de sua significação" (Ducrot 1972: 25).

Essa posição contraria a dos filósofos analíticos de Oxford, que consideram os pressupostos de um enunciado como condições impostas para que seu emprego seja normal.

Uma vez introduzida a noção de pressuposição, resta-nos agora estabelecer rapidamente o método sobre o qual Ducrot se fundamenta para fazer a descrição semântica de uma língua. O objetivo de Ducrot é explicar como os falantes de uma determinada língua compreendem os atos de enun

ciação produzidos ou possíveis nessa língua. Ducrot opera sob o método da simulação, que leva a fazer dois tipos de hipóteses:

a) Hipóteses externas

As hipóteses externas são relativas à fase empírica de observação dos dados a serem explicados, servem para determinar o objeto que o modelo deve imitar e, uma vez tomadas, não podem ser postas em dúvida. As hipóteses externas permitem julgar se o mecanismo lhes é adequado. Ducrot, por exemplo, trabalha sob a hipótese externa que diz que

"Os sujeitos falantes de uma língua são capazes de atribuir um sentido aos atos de enunciação realizados com a ajuda dessa língua. Dito de outra forma, o que nós tomamos por dado, para objeto de observação, é a forma pela qual os enunciados (frases) são interpretados nas situações particulares em que são empregados" (Ducrot J.P. pág. 122).

b) Hipóteses internas

As hipóteses internas dizem respeito à fase de explicação propriamente dita, isto é, à fase de explicação dos dados observados, que é feita pela construção de um modelo abstrato que produz fenômenos análogos aos observados, e ao mesmo tempo, possa prever a produção de outros não observados mas possíveis. Um exemplo de hipótese interna é afirmar que os enunciados têm valor semântico (ver

definição de enunciado logo adiante).

Segundo Ducrot, portanto, a descrição semântica consiste no conjunto de conhecimentos que permitem prever o sentido que efetivamente recebe cada enunciado da língua em cada uma das situações em que é empregado.

1.2.2 O Modelo Descritivo Semântico

1.2.2.1 algumas considerações preliminares

Vamos fazer algumas considerações a respeito do que vem a ser uma frase, um enunciado e uma enunciação:

1. Frase

A frase consiste no material lingüístico de que nos servimos, isto é, a sequência de morfemas que utilizamos para fazer um enunciado.

2. Enunciado

O enunciado é a realização particular do material lingüístico. O enunciado é o que é dito e deve-se levar em conta a presença de um locutor, um destinatário e uma situação.

3. Enunciação

A enunciação é o ato realizado pelo locutor. Fazer uma enunciação é dizer.

1.2.2.2 sentido e significação

Em seguida, vejamos a distinção metodológica entre sentido e significação. Carlos Vogt (1973: 5) diz que

"... a distinção sentido/significação, uma vez definidos os termos, deverá manter-se coerente no interior do universo teórico em que ela se instaura, ao mesmo tempo que responder às exigências de adequação ao empírico. Satisfazendo a primeira condição, ela responde ao critério de verdade interna que toda teoria deve preencher. Mas é preciso também que responda ao critério de verdade externa, pela sua capacidade de adequação ao real. Esta adequação não deve ser entendida apenas em termos de capacidade descritiva, mas também em termos de capacidade explicativa."

1.2.2.3 os componentes

Ducrot propõe dois componentes a partir dos quais pode-se fazer uma análise semântica de uma língua:

a. Componente Lingüístico

O componente lingüístico deverá ter um caráter sistemático tal que permita compreender, de modo preciso, os problemas de significação, independentemente de qualquer contexto.

b. Componente Retórico

O componente retórico deverá ser capaz de explicar os problemas de significação encontrados no componente lingüístico. Sendo assim, sua tarefa será a de prever o sentido efetivo de A numa situação X, Y ou Z.

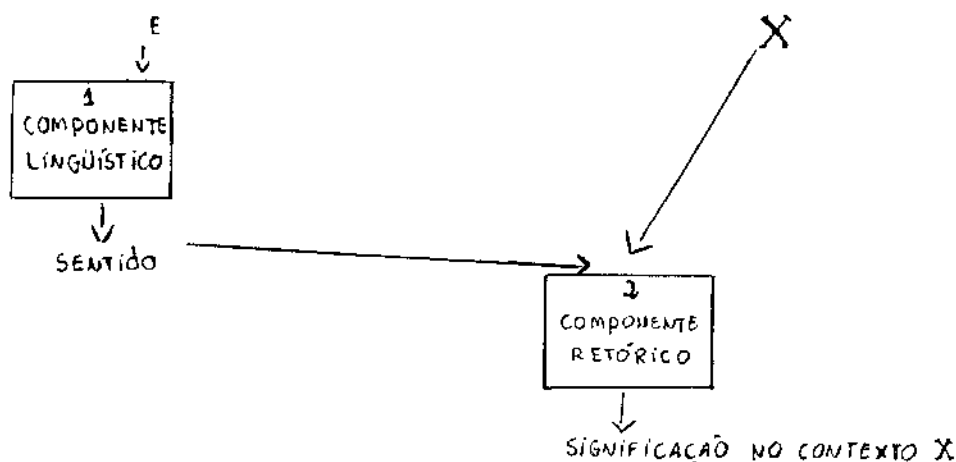
Desse modo, o ponto de partida para a descrição

semântica de uma língua é o sentido (componente lingüístico) e seu ponto de chegada é a significação (componente retórico), isto é, a ocorrência do enunciado em situações particulares.

O componente lingüístico e o componente retórico constituem o modelo abstrato de que já falamos (ver pág. 21). A descrição semântica proposta por Ducrot, com base nos componentes que acabamos de apresentar, ocorre da seguinte forma:

"Um enunciado E, submetido ao trabalho do componente lingüístico CL recebe um sentido X, que juntamente com as condições de produção do enunciado -- a situação -- constituirá a entrada (input) para a aplicação das regras do componente retórico CR. A saída (output) deverá apresentar a significação do enunciado E, produzido na situação X" (Ducrot J.P. pág. 15).

A seguir transcrevemos o esquema utilizado por Ducrot:



1.2.2.4 enunciado e contexto

Queremos assinalar que as noções de enunciado e sentido são abstrações, hipóteses cuja função principal é permitir estabelecer a significação de um ato de enunciação. Por outro lado, a introdução do dado situacional na semântica proposta por Ducrot permite considerar a enunciação e a significação como dados de observação efetivamente verificáveis. Portanto, não se trata, nesse tipo de semântica, de fazer uma introspecção artificial dos dados. No componente retórico são introduzidas algumas regras gerais (Ducrot 1972: 131-132) que justificam a distinção feita entre os dois componentes bem como a ordem estabelecida entre os mesmos.

1.2.2.5 Ducrot e os estudos semânticos

A partir do que foi exposto até o presente momento, podemos compreender melhor de que forma os estudos semânticos ganharam seu lugar dentro de uma análise linguística. A semântica, que ainda por volta de 1950 limitava-se ao estudo do léxico abstraindo sempre a significação do emprego de palavras no discurso, toma agora um rumo muito mais abrangente, não mais paradigmático, mas sintagmático. Agora, não mais se limita a descrever palavras. O que faz, na realidade, é descrever a significação dos enunciados. A introdução da pragmática como elemento que é capaz de deter

minar a significação dos enunciados é talvez uma das contribuições mais importantes de Ducrot no modelo de análise semântica que estamos apresentando. Segundo Ducrot, o lingüista não pode contentar-se em indicar, num primeiro momento, o valor informativo dos enunciados para introduzir depois a pragmática:

"A pragmática deve trabalhar diretamente sobre a estrutura sintática do enunciado. Ela deve ser integrada e não superposta à descrição semântica" (Ducrot J.P. pág. 116).

Isso significa, repetindo mais uma vez o que já dissemos em vários momentos em nosso trabalho que a

"... descrição semântica de um enunciado não pode reduzir-se a uma semântica informativa, mas deve conter, desde o início, indicações que digam respeito ao emprego eventual de um enunciado para este ou aquele tipo de conclusão (Ducrot J.P. pág. 117).

O fato de encarar a língua como sendo a realização de uma série de atos rompe com a tradição saussuriana da dicotomia língua/fala em que a língua é vista como um código, um conjunto de convenções adotadas pelo corpo social, e a fala, como a realização dessas convenções. A dicotomia língua/fala não leva em conta alguns aspectos essenciais da linguagem, como por exemplo, o implícito. O implícito, sob o ponto de vista do estruturalismo de

Saussure, não está previsto no código. Recai, portanto, na fala, sendo comumente analisado a partir de teorias de ordem psicológica, sociológica e outras. Ora, encarar a língua dessa forma é, ao mesmo tempo, esvaziá-la, tirá-lhe o sentido, reduzi-la, como se fosse incapaz de conter tudo aquilo que de fato fazemos e podemos fazer com ela.

Existem alguns elementos na língua, tal como a pressuposição, que não podem, por exemplo, ser definidos em termos de significante/significado. A pressuposição, tanto quanto o posto, é parte da significação literal dos enunciados. Essa é uma das razões pela qual não podemos mais encarar a língua como um código cuja função principal é a comunicação. A fala não é isolada de seu contexto, a língua não é mais descrita apenas enquanto estrutura ou sistema, mas analisada nas suas mais diversas situações. A língua, então, não é vista como um instrumento que o falante usa apenas para comunicar-se. A linguagem não tem a comunicação como função fundamental. Na verdade, fazer a descrição dos enunciados de uma língua é descrever também aonde eles conduzem, qual o tipo de argumentação que eles seguem. O sentido de um enunciado é, em última instância, o que se quer impor ao interlocutor.

Desse modo, o que é significativo num ato de enunciação é o fato de ele ser objeto de uma determinada enunciação. A significação, portanto, não é apenas o sentido do enunciado, mas constitui-se num conjunto de condições

sócio-psicológicas (pragmáticas) que devem ser satisfeitas para que seja empregado.

A função da linguagem compreendida assim é uma forma de ação, uma atividade que não se constitui num exercício individual do falante. É a atividade que a própria linguagem possui, é uma forma de comportamento. Sendo assim, os atos de fala instituem, na realidade, relações de comportamento social. A língua é, em última instância, um jogo de representações, um palco onde cada um representa o seu papel.

1.3 Searle e os Atos de Fala Indiretos

John Searle (1974) propõe, baseado em Austin, um estudo da língua em termos de atos de fala. Apesar de construir seu universo teórico de maneira diferente da de Ducrot, ele faz um estudo muito interessante de enunciados como os que se seguem, a que chama de atos de fala indiretos (Indirect Speech Acts) (cf. Searle 1975)

(25) Pode me passar o sal?

(26) Tenho que estudar hoje à noite.
(réplica de um enunciado anterior,
"Vamos ao cinema hoje à noite?")

onde um ato ilocucional é realizado indiretamente passando pela realização de outro ato.

No caso do enunciado (25), temos:

(i) Um ato ilocucional primário, a saber, o pedido.

(ii) Um ato ilocucional secundário, a saber, a asserção.

Em (26) temos:

(i) Um ato ilocucional primário, a saber, a recusa.

(ii) Um ato ilocucional secundário, a saber, a interrogação.

Searle diz que o falante enuncia uma sentença, significa o que ele diz, mas também significa alguma coisa a mais. A questão que se coloca nesse tipo de enunciados, os atos de fala indiretos, é a de saber como é possível para o ouvinte entender o ato de fala indireto quando a sentença que ele ouve significa outra coisa e, ao mesmo tempo, como é possível para o falante significar a ilocução primária quando ele só enuncia uma sentença que significa a ilocução secundária. Searle propõe um modelo para explicar o fenômeno geral da compreensão dos atos de fala indiretos. O modelo inclui:

(i) Informações de Apoio (Mutual Background Information). As informações de apoio são informações que se tem do mundo e dos indivíduos em questão e devem ser tanto lingüísticas como não lingüísticas.

(ii) Uma Teoria dos Atos de Fala

(iii) Certos Princípios Gerais de Conversação, como

por exemplo, certos princípios gerais de conversação cooperativa de Grice (Cooperative Conversation) (1975):

- máxima de quantidade: faça sua contribuição tão informativa quanto necessária.
- máxima de qualidade: faça sua contribuição verdadeira.
- máxima de relação: seja relevante.
- máxima de modo: evite o obscurantismo, a ambigüidade, o proselitismo; seja ordeiro.

A introdução dos elementos (i) e (iii) para o estudo da significação é muito relevante na medida em que leva em consideração fatos que não são exclusivamente lingüís ticos mas que, sem dúvida, fazem parte do processo geral de produção e compreensão dos enunciados. É um tipo de abordagem ao problema da semântica que não se enquadra, segundo o próprio Searle, em nenhum dos paradigmas usuais de explicação, citando aí a prática de certas correntes lingüísti cas que procuram explicar o fenômeno da significação através de um conjunto de regras estruturais que gerarão os fe nômenos a ser explicados (ver a respeito disso Green em "How to do Things with Words, 1975).

1.4 As Atitudes do Falante

O estudo de elementos que tradicionalmente se têm chamado de "paralingüísticos" bem como das qualidades da voz (Crystal, 1969) que estão diretamente ligados a

atitudes do falante, também se torna relevante para o estudo da significação nos moldes em que a apresentamos neste trabalho.

O termo "qualidade da voz" refere-se a características que estão presentes, às vezes mais outras menos, o tempo todo que uma pessoa está falando. Há componentes que estão fora do controle do falante, que são, por assim dizer, inatos (qualidade de voz de homem, de mulher, de criança). Há ainda outros componentes que o falante é capaz de controlar e que tem sua origem em várias tensões musculares gerando posições articulatorias específicas, que são mantidas pelo falante durante o tempo em que fala. Assim, alguém pode ter uma voz dentalizada, nasalizada, sussurrada, etc... Esse segundo tipo de realização de qualidade de voz pode ser usado como elemento do significante, usado com a intenção de provocar significações específicas na fala.

CAPÍTULO 2

A. ENTOAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

2.1 O Papel da Entoação na Descrição Lingüística

A seguir apresentamos o modelo descritivo de M.A.K. Halliday (1970) para a entoação do inglês britânico, aplicado ao português brasileiro. Em primeiro lugar, entretanto, é preciso que se façam algumas considerações, decorrentes do próprio modelo sobre o status que é dado à entoação.

Segundo Luiz Carlos Cagliari (1979) qualquer enunciado da língua pode realizar-se, entoacionalmente, de maneiras diversas, produzindo significados diferentes. Quando escolhemos emitir um enunciado com uma determinada entoação, isto é, quando fazemos a escolha de uma entoação X, essa escolha vem acompanhada de uma intenção de querer dizer alguma coisa. A entoação, na realidade, é uma das muitas formas que a língua tem para significar coisas diferentes, ou seja, é um processo, dentre outros, para estabelecer diferenças de significado e que devem ser encaradas como sendo da mesma natureza de modo, aspecto, tempo, etc...

A entoação é um pré-requisito fonético na caracterização da fala, e em termos lingüísticos, os padrões entoacionais fazem parte não apenas do sistema fonológico da língua, mas também dos sistemas sintático e semântico. Esse

fato irá, sem dúvida, acarretar uma ampliação dos limites tradicionais da sintaxe.

Como vemos, o escopo da teoria lingüística atual é o de considerar a entoação como um elemento passível de ser sistematizado, como foram sistematizados os elementos segmentais. Na realidade, a análise entoacional proposta por Halliday considera que a seleção dos tons é discreta tanto sintagmática quanto paradigmaticamente, isto é, que os tons sucedem-se uns aos outros sem sobreposição ou hiato, e a escolha de um exclui a possibilidade de escolha de outro. O objetivo da análise de Halliday é mostrar como os padrões entoacionais podem ser descritos de forma a integrá-los na gramática como um todo, tendo em vista que os contrastes decorrentes da entoação não são lexicais, mas gramaticais.

2.2 O Modelo Descritivo da Entoação

Mostramos em seguida o modelo proposto por Halliday (1970). Este autor postula cinco unidades que fazem parte da descrição fonológica da entoação do inglês e que se aplicam também ao português:

- (i) Pé
- (ii) Grupo Tonal
- (iii) Tom
- (iv) Sílaba
- (v) Fonema

Essas unidades, segundo Halliday, estão taxonomicamente relacionadas, assim como as unidades da escala gramatical.

Nosso próximo passo será caracterizar, entre esses elementos fonológicos, aqueles que são básicos para a descrição entoacional do português brasileiro. Tomamos por base o dialeto da autora:

(i) O Pé

O pé é a unidade de ritmo compreendida entre duas sílabas tônicas, numa língua de ritmo acentual (Abercrombie 1968: 36, 96-98). Caracteriza-se pelo isocronismo fonológico, isto é, tendência de sílabas fortes para ocorrerem em intervalos regulares de tempo, qualquer que seja o número de sílabas fracas entre elas. O pé é composto por dois elementos:

- a) Icto - onde ocorre a sílaba forte.
- b) Rêmis - onde operam as sílabas fracas.

Vejamos o enunciado que se segue, onde marcamos com barra inclinada / o início de cada pé:

(27) /Tenho um /filho de dois /anos.

As sílabas tônicas "te-", "fi-" e "a-" constituem o icto e as demais sílabas, a rêmis.

Para que exista um pé, é necessário que contenha, pelo menos, uma sílaba forte, além de um número relativo de sílabas fracas. A sílaba forte, entretanto, pode ser silen

ciosa ou não.

As pausas de duração longa de um pé e os pés que iniciarem um enunciado imediatamente após pausa, sem terem uma sílaba forte no início, terão uma sílaba tônica silenciosa obrigatória, marcada com o sinal ^ no início do pé, como vemos em (28):

(28) / ^ Eu /vou fazer /compras.

A divisão de um enunciado em pés mostra os diferentes padrões de ritmo da língua. Por outro lado, não existe uma única maneira de se dividir os enunciados em pés. A divisão de um enunciado em pés faz-se de acordo com o modo como é emitido, o que conseqüentemente vai modificar sua divisão em termos de pés, como vemos a seguir:

(29) / ^ Ele não /vai à es/cola /hoje.

(30) / ^ Ele /não /vai à es/cola /hoje.

(31) /Ele /não vai à es/cola /hoje.

(ii) O Grupo Tonal

Assim como o pé é a unidade de ritmo, o grupo tonal, apesar de fazer parte da descrição do ritmo, é uma unidade básica da entoação do português brasileiro.

O grupo tonal compõe-se de um ou mais pés. Marcamos o grupo tonal com barras duplas inclinadas // e sublinhamos a sílaba tônica, que recebe o nome de sílaba tônica saliente. A sílaba tônica saliente caracteriza-se

pelo fato de que nela ocorre a maior variação de altura melódica do enunciado, isto é, a proeminência tônica. Mostramos alguns exemplos a seguir:

(32) // Como /é que você /chama?//

(33) //Vamos sa/ir para fa/zer /compras.//

(34) // É um pe/cado jo/gar isso /fora.//

Em (32), (33) e (34) a maior variação de altura melódica ocorre nas sílabas "cha-", "com-" e "ca-", respectivamente.

As segmentações do enunciado em grupos tonais não são arbitrárias. Segmentar os grupos tonais de modos diferentes é uma opção de algum modo significativa. Vejamos de que forma isso ocorre.

O grupo tonal caracteriza-se por ser uma unidade de informação, "um bloco na mensagem que o falante está comunicando" (Halliday 1970: 3). A estrutura de informação é constituída, entre outras coisas, pela dicotomia dado/novo. A função 'novo' (elemento obrigatório), significa que é tratado pelo falante como informação não recuperável, informação que não se espera que o ouvinte extraia por si mesmo do texto ou da situação. O elemento 'dado' (elemento opcional) é a informação já conhecida, recuperável pelo texto ou situação.

O grupo tonal tem dois componentes:

a) Componente Tônico

O componente tônico é obrigatório e se inicia na sílaba tônica saliente indo até o fim do grupo tonal:

(35) // Eles não /foram /lá.//

(pretônica) (tônica)

b) Componente Pretônico

O componente pretônico é opcional e engloba tudo o que precede a sílaba tônica saliente (cf. enunciado (35)). Não se considera como pretônica quando houver apenas um pé precedendo a sílaba tônica, e contendo uma sílaba tônica silenciosa, como é o caso do seguinte enunciado:

(36) // Não /mexe co/migo.//

O grupo tonal pode também ser

a) Simples

O grupo tonal simples possui apenas uma sílaba tônica saliente:

(37) //Não /posso engor/dar.//

b) Composto

O grupo tonal composto possui duas sílabas tônicas salientes:

(38) //Eu /não /acho que /seja as/sim.//

O grupo tonal composto é diferente de uma seqüência de dois grupos tonais:

(39) //Eu não /sei a li/ção//, mas deve/ria
sa/ber?//

O grupo tonal não coincide necessariamente com nenhuma unidade gramatical. Entretanto, segundo Halliday, há uma tendência do grupo tonal em corresponder à oração.

(iii) O Tom

As variações melódicas da fala devem ser encaradas como medidas relativas de variação do fundamental do som, e não em termos absolutos. Podemos caracterizar os contornos melódicos e os níveis tonais mais comuns em português da seguinte forma:

a) Contornos Simples

- descendente D
- ascendente A
- nivelado N

b) Contornos Complexos

- contínuo
- por etapas
- por saltos
- suave
- brusco

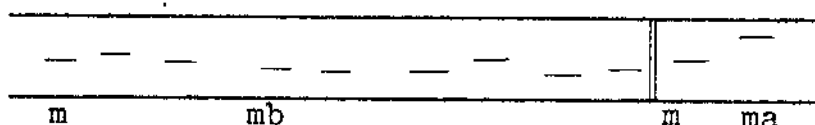
c) Níveis Tonais (níveis de altura melódica dos contornos):

- alto (a)
- meio-alto (ma)
- médio (m)
- meio-baixo (mb)
- baixo (b)

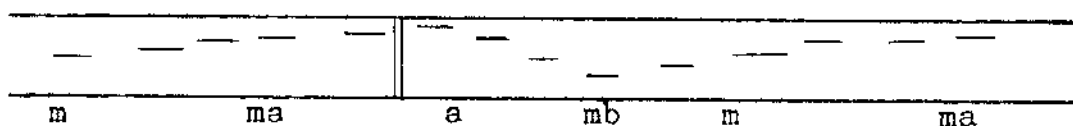
O tom é um movimento de altura melódica (pitch movement) que se estende pelo grupo tonal. A característica melódica do tom concentra-se na sílaba tônica saliente, fazendo com que seja percebida com mais proeminência. As outras sílabas podem participar da mudança melódica da tônica.

A seguir mostramos alguns exemplos:

(40) //Será que /todo o /mundo /sabe /disso?//



(41) //Mas /eles não sou/beram compor/tar-se à al/tura ...//



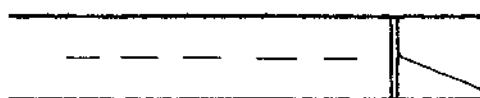
2.3 O Sistema Entoacional do Português Brasileiro

A seguir apresentamos uma primeira tentativa de estabelecimento de um sistema de tons para o português brasileiro¹ (Cagliari, 1979):

a) Tons Primários Simples

Tom 1 --  pretônica: média-nivelada
tônica: descendente média-baixa

(42) //1 Eles não /foram /lá.//



Tom 2 --  pretônica: média-nivelada
tônica: ascendente meia-baixa/meia-alta

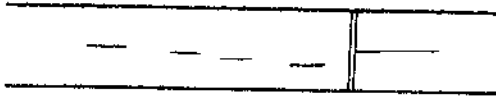
(43) //2 Vo/cês não /vem com a /gente?//



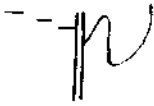
Tom 3 --  pretônica: descendente média-baixa
tônica: média nivelada

1. A partir dos próximos exemplos, marcaremos o tom correspondente a cada enunciado após as barras duplas inclinadas. A pretônica será marcada com traços correspondentes a sílabas do enunciado.

(44) //3 Mas /ele não /veio.//



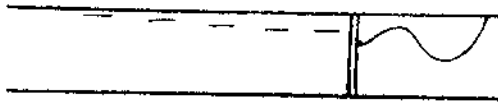
Tom 4



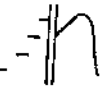
pretônica: descendente alta/meio-alta

tônica: descendente-ascendente meio-alta/
média/alta

(45) //4 Vo/cê sa/bia /disso?//



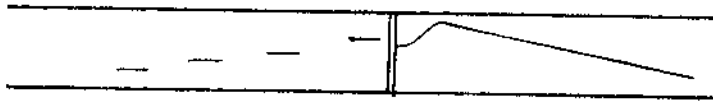
Tom 5



pretônica: ascendente meio-baixa/meio-alta

tônica: ascendente-descendente meio-alta/
meio-baixa

(46) // 5 Eu gos/tei de/mais do e/xame.//



Tom 6



pretônica: alta nivelada

tônica: alta nivelada, passando a baixa
nivelada, por salto

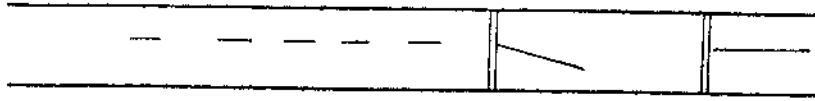
(47) //6 Foi a Ma/ria que se machu/cou.//



b) Tons Primários Compostos

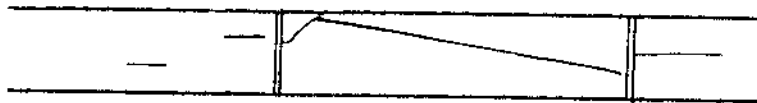
Tom 13  Tom 1, mais Tom 3 sem pretônica

(48) //13 Por que vo/cê não /fala com /ela?//



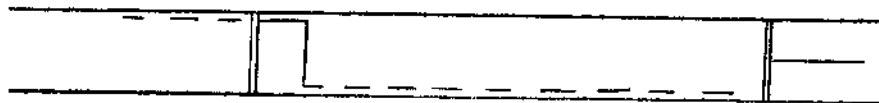
Tom 53  Tom 5, mais Tom 3 sem pretônica

(49) //53 Eu não /acho que /seja as/sim.//

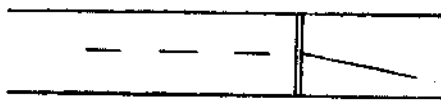


Tom 63  Tom 6, mais Tom 3 sem pretônica

(50) //63 O cami/nhão que carre/gava coca-/cola//



//1 ba/teu no /poste.//

c) Tons Secundários

Quase todos os enunciados empregados para exem-

plificar os tons primários são os mesmos que usamos para exemplificar os tons secundários. Isso corrobora uma vez mais o fato de que um mesmo enunciado pode variar em altura, dependendo do significado mais ou menos marcado que se queira dar.

Os tons secundários podem sofrer variação tanto na sua parte pretônica, como na tônica. No primeiro caso, marcamos essa diferença usando um diacrítico antes do número correspondente ao tom. No segundo caso, marcamos com um diacrítico depois do número que corresponde ao tom.

Tom +1+

pretônica: nivelada alta

tônica: descendente alta/baixa

(51) //+1+ Eles não /foram /lá.//



Tom -1-

pretônica: nivelada meio-baixa

tônica: descendente meio-baixa/baixa

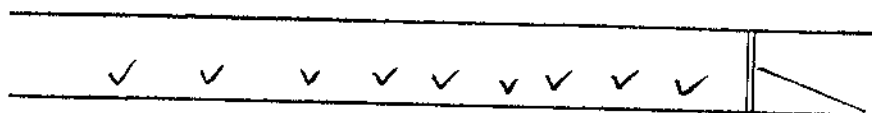
(52) //-1- Eles não /foram /lá.//



Tom -1

pretônica: desnivelada, em geral entre
baixa/meio-baixa

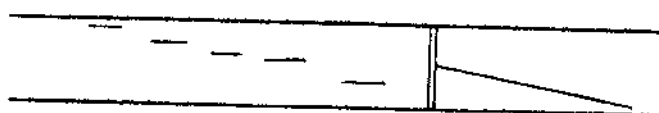
tônica: descendente média/baixa

(53) //-1 O que /é que vo/cê /acha /disso /tudo?//

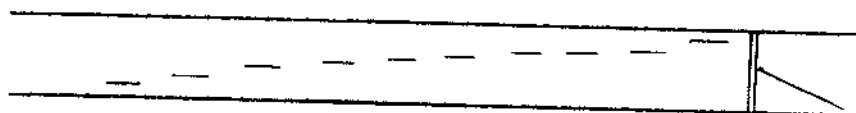
Tom -1

pretônica: descendente alta/meio-baixa

tônica: descendente média/baixa

(54) //-1 É ver/dade que a /gente /vai.//

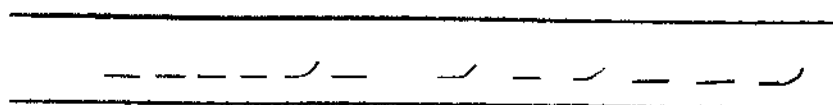
Tom :1

pretônica: ascendente meio-baixa/alta
tônica: descendente média/baixa(55) //:1 O que /é que vo/cê /acha /disso /tudo?//

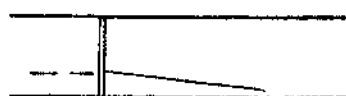
Tom ...1-

pretônica: descendente por saltos ou
nivelada meio-baixa ou baixa.
Toda sílaba tônica apresenta
um controno ascendente
tônica: descendente meio-baixa/baixa

(56) //...1- Um eletri/cista, /dois me/cânicos, três



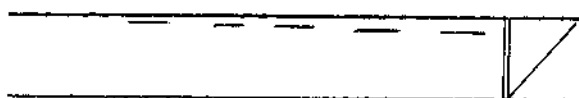
enge/nheiros...//



Tom +2+

pretônica: descendente alta/meio-alta
tônica: ascendente baixa/alta

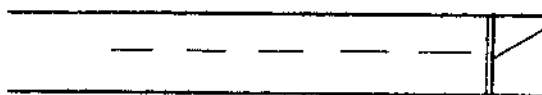
(57) //+2+ Tá /todo o /mundo a/i?//



Tom 2-

pretônica: nivelada média
tônica: ascendente média/alta

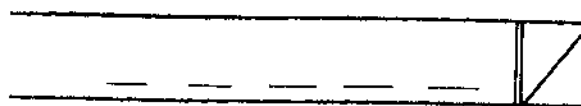
(58) //2- Tá /todo o /mundo a/i?//



Tom -2+

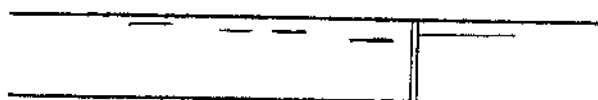
pretônica: nivelada baixa
tônica: ascendente baixa/alta

(59) //-2+ Tá /todo o /mundo a/i?



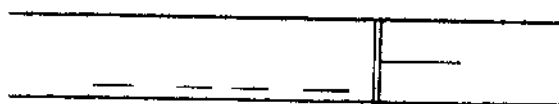
Tom +3+

pretônica: descendente alta/meio-alta
 tônica: nivelada alta

(60) //+3+ Mas /ele /não /veio...//

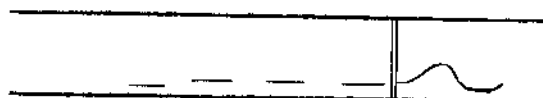
Tom -3

pretônica: nivelada baixa
 tônica: nivelada média

(61) //-3 Mas /ele /não /veio...//

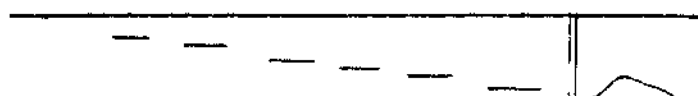
Tom -4-

pretônica: desnivelada baixa/meio-baixa
 tônica: descendente-ascendente meio-baixa/
 média/baixa

(62) //-4- Vo/cê sa/bia /disso?//

Tom -5-

pretônica: descendente meio-alta/baixa
 tônica: ascendente-descendente baixa/
 meio-baixa/baixa

(63) //-5- Eu gos/tei de/mais do e/xame.//

Tom 6-

pretônica: nivelada média
 tônica: média nivelada passando a baixa
 por salto

(64) //6- Foi a Ma/ria que se machu/cou.//

2.4 Os Tons Primários

Os tons primários constituem um sistema fonológico num primeiro grau de minúcia (delicacy). A minúcia é uma variável para a qual não se pode estabelecer um limite teórico, a não ser pela concepção de gramática que se adote. Ou seja, a minúcia na descrição dos fatos entoacionais é uma decisão gramatical e não, fonológica. Envolve, portanto, uma opção teórica prévia. Halliday, por exemplo, postula três divisões no sistema de modo

- a) Declarativo: (sujeito antes do predicado).
- b) Interrogativo: (por exemplo, sujeito, a não ser pronome interrogativo, depois da primeira palavra do predicado).
- c) Imperativo: (sem sujeito)

e as analisa de acordo com o sistema de tons primários por achar que essa divisão no sistema de modo está num primeiro grau de minúcia. Entretanto, Halliday considera que os interrogativos não-polares, isto é, que se formam com pronomes interrogativos, devem ser analisados em termos de um grau maior de minúcia, e conseqüentemente, pelo sistema de tons secundários. Nesse caso, a interrogativa tem como tom secundário o tom 1.

A seguir mostramos alguns exemplos:

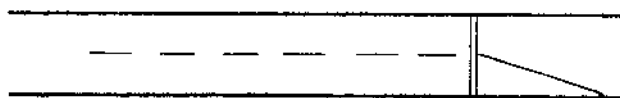
Modo Interrogativo

(65) //₁ Hoje /vai cho/ver.//



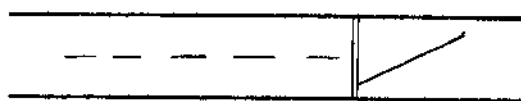
Modo Imperativo

(66) //1 Faz a /cama a/gora /mesmo.//



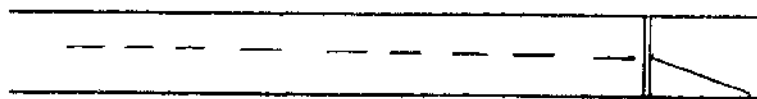
Modo Interrogativo Polar/Não Polar

(67) //2 Ele /foi ao en/contro?//



Modo Interrogativo com Pronome Interrogativo

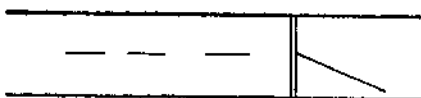
(68) //1 Onde vo/cê es/teve /toda a ma/nhã?//



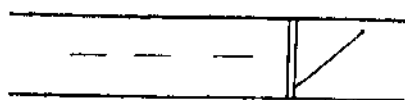
Halliday acha que ao descrever a entoação, devemos deixar que a gramática decida "how delicate" devemos ser, isto é, o grau de minúcia e subsequente classificação dos enunciados em termos entoacionais (1967: 9).

Uma característica importante do tom é o fato da sua escolha não ser sempre necessariamente determinada por traços gramaticais. Por outro lado, a escolha que fazemos do tom constitui-se numa escolha gramatical independente. Portanto, o que ocorre na maioria dos enunciados é que podem ser substituídos por outros enunciados diferentes tanto em significação formal como contextual, que diferem apenas no tom. Vejamos os seguintes exemplos:

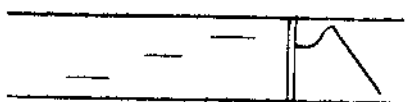
(69) //1 Vo/cê /não /vai.// (afirmação)



(70) //2 Vo/cê /não /vai?// (interrogação)



(71) //5 Vo/cê /não /vai!// (ordem)



Os contrastes de tons primários ocorrem no componente tônico e aqueles de tons secundários podem ocorrer tanto no componente tônico quanto no pretônico.

2.5 Os Tons Secundários

O sistema de tons secundários caracteriza-se por subdivisões à medida em que a análise se aprofunda além de um primeiro grau de minúcia. Como já mencionamos antes, e como podemos ver nos exemplos (42) a (64), os tons secundários indicam-se usando uma marca diacrítica antes ou depois do número correspondente ao tom. Quando a marca vem após o número do tom, ela refere-se a uma variação do componente tônico do tom primário correspondente (tom secundário da tónica). Quando a marca se encontra antes do número do tom, significa que o tom secundário caracteriza-se por uma variação do componente pretônico do tom primário correspondente (tom secundário da pretônica). Pode ocorrer também

que a marca apareça antes e depois do número do tom. Nesse caso, temos uma variação dos componentes pretônico eônico do tom primário correspondente. Os tons primários apresentados também podem ser considerados como tons secundários neutros.

Em suma, Halliday leva em consideração a necesidade dos seguintes itens em relação ao tratamento dos fatos entoacionais:

- a) Estabelecer os limites das unidades entoacionais.
- b) Determinar a posição do elemento proeminente (ou dos elementos proeminentes) dentro dessas unidades.
- c) Determinar a forma que adquire o tom ou curva de altura melódica dentro dessas mesmas unidades.

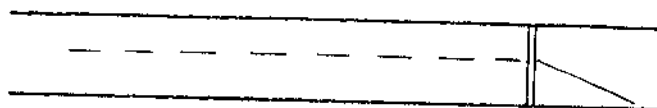
Esses parâmetros correspondem aos sistemas de tonalidade, tonicidade e tom, respectivamente.

2.6 Sistema de Tonalidade

No sistema de tonalidade ocorre a distribuição dos grupos tonais, isto é, o limite e a localização dos grupos tonais. Essa distribuição marca um tipo de unidade lingüística, correspondente a uma unidade de informação e estabelece onde começa e onde termina um tom.

Já que não há correspondência necessária, como vimos, entre unidades gramaticais e grupos tonais, mas existe uma tendência do grupo tonal a corresponder à oração, Halliday encara a escolha de um grupo tonal completo como o termo neutro no sistema da tonalidade. Uma oração que consista de um e somente um grupo tonal será vista como neutra em tonalidade:

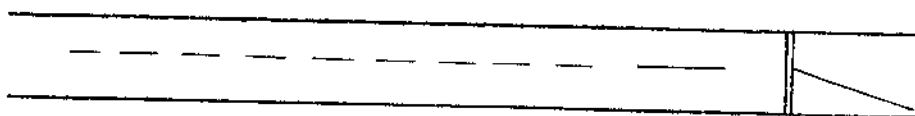
(72) //1 como /é que vo/cê desco/briu?//



As outras alternativas, marcadas, são:

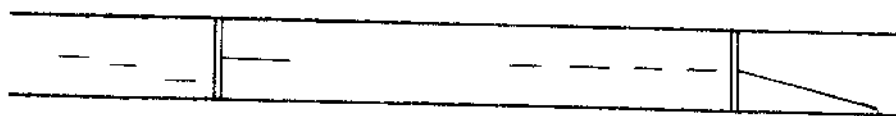
a) Grupo tonal coincidindo sobre uma sequência segmental maior do que uma oração:

(73) //1 Como /é que vo/cê desco/briu que eu /vinha?//



b) Grupo tonal incidindo sobre uma sequência segmental menor do que uma oração:

(74) //3 Ele com/prou// ^ //1 livros e ca/dernos.//



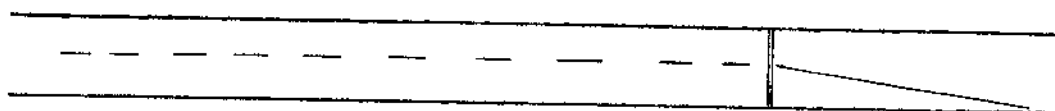
A delimitação das fronteiras dos grupos tonais é uma questão ainda não resolvida satisfatoriamente, na

medida em que Halliday não chega a explicitar os critérios formais (ou mesmo fonéticos) segundo os quais se determinam, a não ser com a indicação do elemento tônico: a demarcação das fronteiras do grupo tonal acaba repousando, na realidade, em bases intuitivas. Além disso, Halliday não se aprofunda em complexidades fonológicas para definir sua proposta de sistemas entoacionais. Mesmo prevendo graus mais complexos de minúcia, não chega a apontar critérios fonéticos mais detalhados para dar conta da segmentação dos grupos tonais.

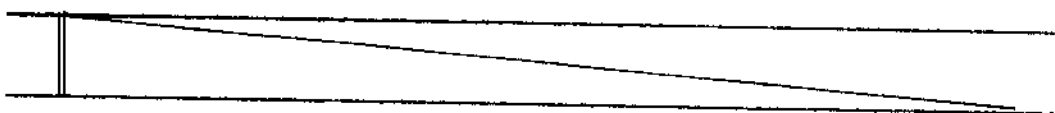
2.7 Sistema de Tonicidade

O sistema de tonicidade está claramente ligado ao sistema precedente, isto é, ao da tonalidade. A tonicidade é responsável pela localização da sílaba tônica saliente dentro do grupo tonal. Podemos, entretanto, variar a tonicidade, mantendo a tonalidade constante:

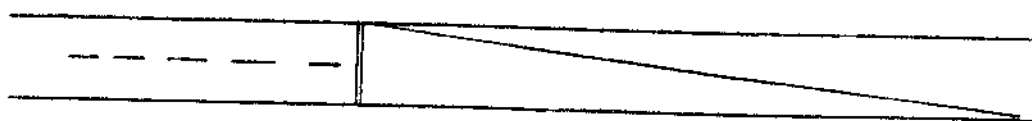
(75) //1 Ela /disse que /faz /compras /toda /quarta-/feira.//



(76) //1 Ela /disse que /faz /compras /toda /quarta-/feira.//

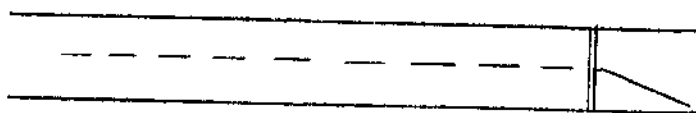


(77) //1 Ela /disse que/faz /compras /toda /quarta-/feira.//



Para o sistema da tonicidade, Halliday também estabelece um termo neutro: o grupo é neutro em tonicidade quando a tônica saliente é a última tônica do grupo tonal, conforme verificamos em (78):

(78) //1 O e/xemplo é /muito elemen/tar.//



A tonicidade do grupo tonal vincula-se ao foco do enunciado, ao que Halliday chama de 'novo' (new), que é o elemento obrigatório de um enunciado. O elemento tônico marca o ponto de maior informatividade, isto é, o foco, (no conjunto de informações) que o falante quer transmitir num ato de fala, de forma que o elemento de proeminência entoacional está intimamente relacionado com o elemento de proeminência significativo.

2.8 Sistema de Tons

O ponto inicial do tom é determinado pelo início do grupo tonal e não é possível, como vimos anteriormente, estabelecer os termos neutros e marcados do sistema de tom a não ser que estejam vinculados a sistemas gra

maticais específicos. Devemos sempre pressupor a observação gramatical para determinar os termos neutros e os termos marcados no sistema de tom.

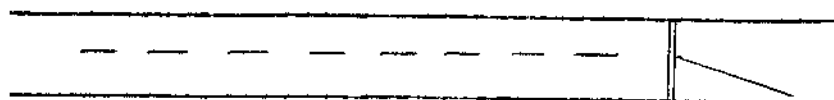
Com relação ao significado dos tons, Halliday acha que podemos fazer alguma generalização a esse respeito. Segundo ele, o tom marca o tipo de atividade envolvida através de um padrão complexo construído a partir de uma simples oposição entre polaridade certa ou in certa. Apesar de ser difícil fazer generalizações, Halliday diz que quando a polaridade é certa, a altura da tônica é descendente; se incerta, é ascendente.

O sistema entoacional que acabamos de apresentar é independente do sistema de ritmo (a distribuição do enunciado em pés). Mantendo-se o ritmo constante, o número de escolhas possíveis no sistema de tonicidade é igual ao número de sílabas salientes, isto é, ao número de pés completos definidos acima.

A seguir, esboçamos o significado de alguns tons a partir da afirmação de Halliday de que um contorno descendente significa polaridade certa, e um contorno ascendente, polaridade incerta. Calgiari (1979: 13) diz que "essa noção geral do significado dos tons, em princípio, ajuda de maneira especial a interpretação dos tons que mudam de direção." Esse esboço tem um valor muito limitado, mas serve para dar uma caracterização geral da direção semântica do enunciado com base no aspecto de certeza e incer

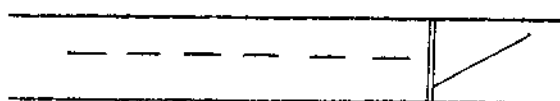
teza:

(79) //1 Vou jan/tar com vo/cê /hoje à /noite.//



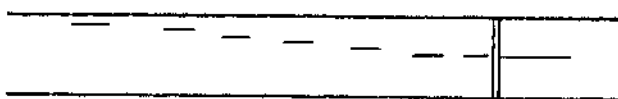
Em (79), declaro categoricamente que vou jantar com o interlocutor.

(80) //2 Como /é que vo/cê /disse?//



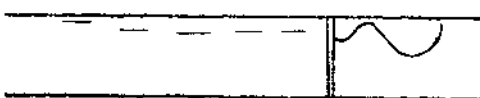
Em (80), pergunto querendo saber exatamente o que o interlocutor disse.

(81) //3 Mas /isso /não aconte/ceu...//



Em (81) ponho em dúvida um enunciado anterior do interlocutor.

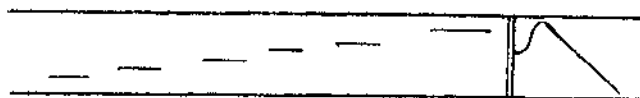
(82) //4 Vo/cê sa/bia /disso?//



Em (82), o locutor acha que o interlocutor não

sabia do que se tratava e seria de admirar se soubesse.

(83) //5 Eu gos/tei de/mais do e/xame.//



Em (83), não há nenhuma dúvida quanto à afirmação do locutor.

(84) //6 Foi a Ma/ria que se machu/cou.//



Em (84), o que interessa é que foi a Maria, e não outra pessoa, que se machucou. Neste caso, além do tom, existe também a marca de tonicidade.

CAPÍTULO 3

A ENTOAÇÃO E OS ATOS DE FALA

3.1 Os Dados

Numa segunda parte de nosso trabalho, fizemos uma coleta de dados ao acaso e subsequente análise dos dados. Todos os enunciados foram analisados sob três pontos de vista:

a) Fatos semânticos

Nesse item, procuramos ver como um enunciado X se presta a diferentes análises entoacionais. Até esse ponto, não estabelecemos nenhum vínculo entre uma determinada entoação e seu significado num contexto específico. Entendemos assim que um mesmo enunciado é passível de várias interpretações entoacionais e semânticas.

b) Fatos da teoria dos atos de fala

Nesse item, analisamos os mesmos enunciados no que diz respeito à sua interpretação segundo a teoria dos atos de fala. Nesse ponto da análise, entretanto, acreditamos que já é possível uma aproximação entre a análise entoacional feita no item a) e a análise em termos de atos de fala. Ou seja, um enunciado X quando emitido com uma entoação Y significa Z. Entretanto, isso revelou-se insuficiente na maioria dos casos. Daí, a necessidade de pos-

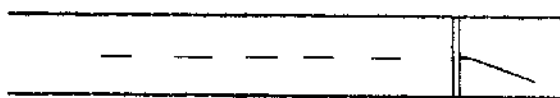
tular um terceiro item que cobre, ao nosso ver, elementos fundamentais para a descrição da língua do ponto de vista de sua significação.

c) Elementos fundamentais para a descrição de enunciados em termos entoacionais

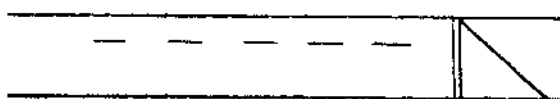
Nesse item, incluímos não apenas elementos suprasegmentais, que estão diretamente relacionados com a entoação, como também os elementos da teoria dos atos de fala e elementos pragmáticos como 'mutually background information' e certos princípios de conversação cooperativa (veja pág.27). Os elementos pragmáticos são peças fundamentais para a interpretação do significado dos atos de fala, o que vale dizer que o item c) está ligado não apenas a a) como também a b). Além disso, houve necessidade de incluir elementos puramente gramaticais como pessoa, número, tempo verbal e outros.

A seguir exemplificamos esses procedimentos de análise:

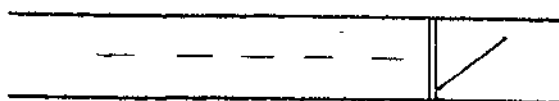
(85) //1 _Por/que vo/cê não /vem?// (interrogação)



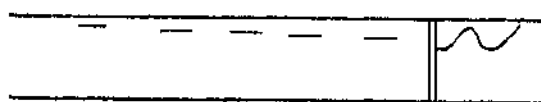
(86) //1 _Por/que vo/cê não /vem?// (ordem)



(87) //2 Por/que vo/cê não/vem?// (sugestão)



(88) //4 Por/que vo/cê não /vem?// (convite)

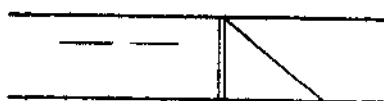


Do ponto de vista da teoria dos atos de fala, achamos que os enunciados (85), (86), (87) e (88) podem servir à realização de diversos atos ilocucionais, como por exemplo, interrogação, ordem, sugestão, convite, etc... Podem da mesma forma, realizar-se como atos perlocucionais.

O enunciado (85), emitido com tom 1 médio/meio-baixo é o mais neutro. Temos aí a enunciação de uma pergunta. Entretanto, em (86), emitido com tom 1 alto/baixo, temos a realização de uma ordem. O enunciado (87), emitido com tom 2, possui uma entoação típica do ato ilocucional da sugestão. Finalmente (88), emitido com tom 4, serve à realização de um convite.

Vejamos outros exemplos:

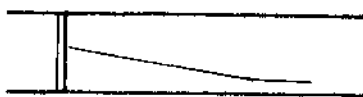
(89) //1 Cala a /boca.//



(90) //l Cala a /boca.//



(91) //l Cala a /boca.//



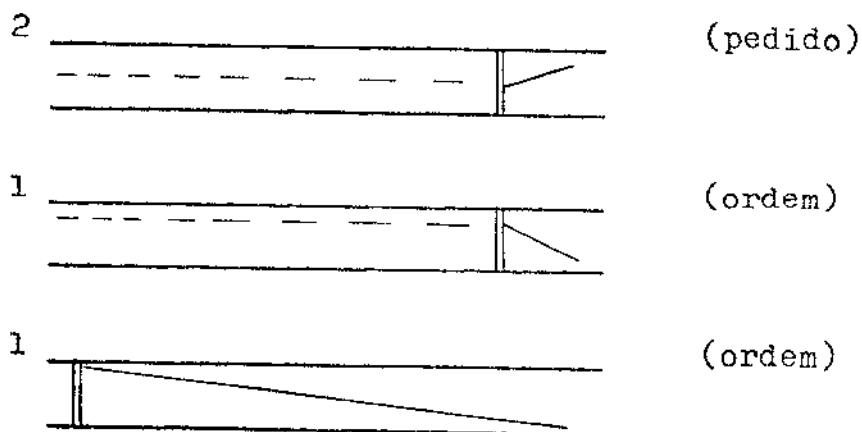
Os enunciados que acabamos de descrever, de acordo com nossa análise, podem servir à realização de uma ordem ou um pedido. Em (89), a ordem é realizada a partir do uso do modo imperativo e do tom 1 alto/baixo. O enunciado (89) corresponde a um enunciado neutro. Em (90), também temos a realização de uma ordem, porém mais insistente, o que faz com que o enunciado seja marcado. Isso ocorre devido à mudança de tonicidade. O acento proeminente que em (89) encontrava-se em "bo-" de "boca", encontra-se agora na primeira sílaba do enunciado, ou seja, na sílaba "ca-" de "cala". O enunciado (91), igualmente com tom 1, é um pedido. A diferença entre os enunciados (89), (90) e (91), em termos entoacionais reside apenas na altura do tom, que em (89) e (90) é alto/baixo e em (91) é médio/meio-baixo/nivelado, além da mudança de tonicidade que ocorre em (90) e (91). Isso significa, portanto, que para uma análise lingüística adequada, é preciso levar em conta o tom, a tonalidade, a tonicidade e elementos pragmáticos.

3.2 Análise dos Dados

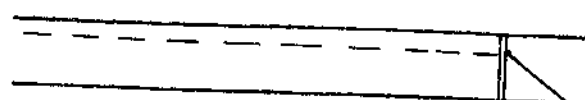
Uma vez feita essa pequena amostragem, partimos agora para algumas observações sobre a investigação que foi feita. Em primeiro lugar, é necessário deixar claro que a análise refere-se apenas a frases isoladas. Em nenhum momento nos detivemos em analisar o discurso por achar que são duas unidades completamente distintas. Achamos que uma análise entoacional do discurso deve ser objeto de um estudo mais detalhado.

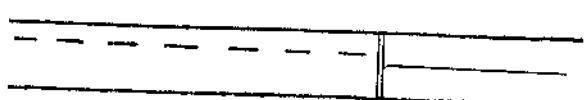
Existe sempre mais do que uma única interpretação dos enunciados e a diferenciação se dá no momento da enunciação onde entram em jogo os elementos supra-segmentais, ainda lingüísticos, e elementos pragmáticos, não-lingüísticos. Isto significa dizer que pode existir co-ocorrência de dois ou mais atos ilocucionais num mesmo enunciado, como nos exemplos abaixo:

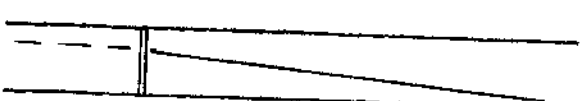
(92) Agora vamos brincar lá fora.



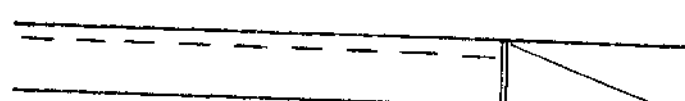
(93) Irei à praia com você amanhã.

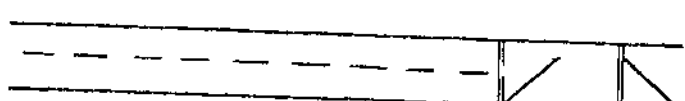
1  (afirmação
ou
promessa)

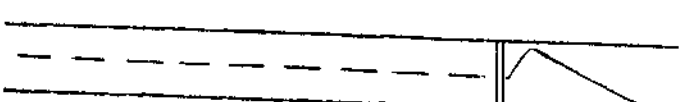
3  (sugestão)

1  (afirmação
ou
promessa)

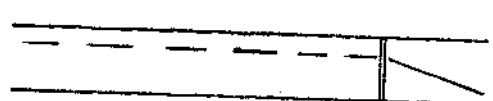
(94) Prometo ir à praia com você amanhã.

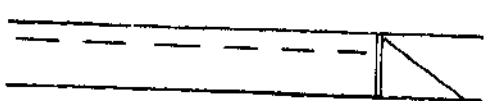
1  (promessa)

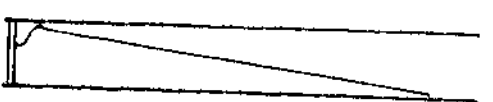
2+1  (sugestão)

5  (sugestão)

(95) Deixa o rapaz sossegado.

1  (ordem)

1  (ordem insistente)

5  (conselho)

A distinção entre essas realizações de um mesmo enunciado faz-se a partir de sua enunciação e leva em conta diversos fatores como os que se seguem:

- (i) Entoação do enunciado
- (ii) Elementos fonéticos diversos, como qualidade de voz, velocidade da fala, ritmo, etc...
- (iii) Estrutura gramatical do enunciado
- (iv) Elementos lexicais
- (v) Elementos situacionais (pragmáticos) como o princípio de cooperação de Grice

É possível que existam outras interpretações dos enunciados (92), (93), (94) e (95), mas nosso propósito não é chegar à exaustividade das possibilidades. Queremos apenas mostrar que a significação não depende tão somente do significado das palavras do enunciado, mas de um conjunto de elementos de natureza variada.

É pelo mesmo motivo (o de não querer chegar à exaustividade) que não analisamos os atos perlocucionais pois isso obrigar-nos-ia a pelo menos sistematizar tais atos, tarefa que consideramos árdua (se é que é possível) dentro do escopo do nosso trabalho.

Passamos agora a observações que dizem respeito à teoria dos atos de fala (Ver Cap. 1). Tomaremos como definitivos os seguintes itens:

- a) Realizamos um ato ilocucional quando fazemos verdadeiramente aquilo que a enunciação de um enunciado

diz fazer, ou seja, quando realizamos uma ação. Por exemplo, quando digo

(96) Prometo vir.

estou, ao mesmo tempo que anuncio uma promessa, prometendo de fato.

O mesmo ocorre com o enunciado

(97) Vem jantar em casa hoje à noite

onde estou, ao mesmo tempo que anuncio, realizando um convite.

b) Realizamos um ato perlocucional a partir dos resultados que nossa enunciação causa no interlocutor, já que a realização de um ato desse tipo está estreitamente ligada aos interlocutores, isto é, a intenção do falante em visar alguma coisa no ato da enunciação e a realização dessa intenção não dizem respeito a qualquer indivíduo. Sendo assim, definimos o ato perlocucional tanto no que diz respeito à intenção que o falante tem de produzir um efeito determinado em seu interlocutor, como no que diz respeito ao resultado que efetivamente produz no seu interlocutor. Portanto, se levarmos em conta essa definição, qualquer ato ilocucional pode, em princípio, servir à realização de um ato perlocucional, o que significa dizer que todo ato ilocucional é um ato perlocucional em potencial.

Por exemplo, classificamos o enunciado

(98) Ele não vem.

como um ato perlocucional, levando em conta um contexto como o que se segue:

"A gosta muito de B e fez questão de ir à festa porque sabia que B estaria lá. C, que sabe que A gosta de B, enuncia (98) com o firme propósito de causar de sapontamento em A, ou seja, magoar A."

Da mesma forma, em

(99) Eu vou fazer a janta hoje.

imaginando um contexto como

"A e B são casados e dividem as tarefas domésticas. Hoje é dia de B fazer a janta, mas A, que deseja agradar B para conseguir que B vá ao cinema com A, se oferece para fazer o serviço."

consideramos a realização de um ato perlocucional tanto se observarmos o ponto de vista da intenção de A, como o resultado que (99) causou em B, ou seja, o de realmente sen tir-se lisonjeado e ceder aos 'caprichos' de A.

6) Segundo Searle (1975: 60), realizamos um ato indireto quando um ato ilocucional é realizado indiretamente passando pela realização de outro ato. Searle chama o ato ilocucional de ato ilocucional secundário e o outro, de ato ilocucional primário. Por exemplo, no diálogo:

(100) A- Vamos ao cinema esta noite?

B- Tenho que estudar hoje à noite.

a resposta de B constitui-se num ato indireto de acordo com Searle. Temos portanto:

- (i) Ato ilocucional primário - recusa
- (ii) Ato ilocucional secundário - asserção

O exemplo de Searle que acabamos de citar constitui-se num ato indireto não-convencional; existem, porém, os atos indiretos convencionais, que são enunciados já consagrados pelo uso no que diz respeito à sua significação, como por exemplo

(101) Pode me passar o sal?

que não é uma pergunta sobre a habilidade ou possibilidade de A poder passar o sal a B, mas a maneira como normalmente se faz um pedido. Ou ainda:

(102) Você tem troco prá 500?

que na realidade não é uma pergunta, mas um pedido.

Neste trabalho, entretanto, não consideraremos os atos indiretos de Searle porque achamos que os atos ilocucionais e os atos perlocucionais englobam os primeiros. Mostramos isso fazendo as seguintes considerações:

- (i) O ato indireto pode ou não ser convencional
- (ii) O ato indireto sendo convencional, tem a realização de dois atos ilocucionais, um primário e o outro secundário, de acordo com a terminologia de Searle.
- (iii) O ato indireto sendo não-convencional, tem a realização de dois atos ilocucionais, ou de um ato ilo

cucional e de um ato perlocucional, como vemos no exemplo que se segue:

(103) Tenho que estudar hoje à noite.

ocorrendo no seguinte contexto:

"A e B são colegas. A gosta muito de B, enquanto que B, mesmo sabendo disso, não está interessada em A. A sabe que B estará livre à noite e por isso a convida para ir ao cinema. B, sabendo que A sabe que ela estará livre à noite, emite (103) com a expressa intenção de desprezar A. A, naturalmente, sente-se desprezado.

d) Em geral, todos os enunciados podem ser emitidos de uma maneira enfática, ou não, isto é, existe uma forma mais neutra e outra forma marcada. Dentro da forma marcada, existe uma escala de força e é aí que encontramos expressas as atitudes do falante. Essas, por sua vez, inserem-se nos atos de fala, tanto nos atos ilocucionais como nos perlocucionais.

e) A divisão dos atos ilocucionais encontra-se ligada a fatos convencionais de tipo gramatical e sintático, apesar de que podem ocorrer camuflados, isto é, sem marcas gramaticais ou sintáticas específicas, como verificamos nos seguintes exemplos

(104) Você foi à aula.

O enunciado (104) não é, em princípio, nem um enunciado declarativo, nem um enunciado interrogativo já que o elemento que nos diz que se trata de uma afirmação ou de uma pergunta entra em jogo apenas na sua enunciação. No enunciado

(105) Aonde você foi ... é lindo!

o pronome interrogativo 'aonde' colocado no início do enunciado, em seguida sugere-nos que se trata de uma interrogação, sem no entanto realizar-se nesse enunciado. Em

(106) Abre a porta.

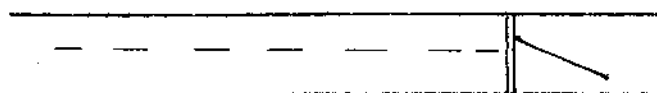
poderíamos considerar, por exemplo, que se trata de um enunciado imperativo, haja vista o modo verbal empregado. Entretanto, pode tratar-se de uma mera afirmação, considerando um sujeito 'ele' não contido explicitamente na enunciação, mas perfeitamente deduzível do contexto.

Passamos agora à caracterização de diversos tipos de atos ilocucionais:

3.2.1 Ato Ilocucional da Asserção

Esse é sem dúvida um dos atos de mais fácil classificação. O ato ilocucional da asserção caracteriza-se pela presença do tom 1 e pelo fato da sentença poder ser enunciada em qualquer tempo verbal, com exceção do modo imperativo. Verifiquemos isso em enunciados como:

(107) //1~Eu gos/tei de/mais do e/xame.//

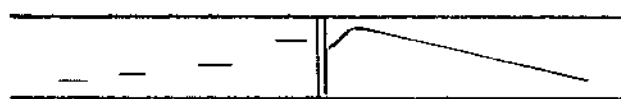


(108) //1~Ele /pensa que /vai me enga/nar.//

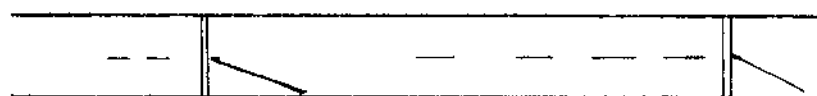


Entretanto, além da forma neutra meia-alta/meia-baixa que acabamos de exemplificar, o ato ilocucion-
nal da asserção pode também ocorrer de forma marcada, on
de entram em jogo as atitudes do falante. Nesse caso,
ocorre uma certa variação como podemos verificar usando
os **mesmos** enunciados, em (109) e (110):

(109) //5 Eu gos/tei de/mais do e/xame.//



(110) //1+1 „Ele /pensa//1 „que /vai me enga/nar.//



Em (109), temos uma mudança de tonicidade, além
de uma mudança de tom. Essa enunciação corresponde a uma
forma enfática.

Em (110), temos a ocorrência de uma sequência de
tons, o que corresponde também, a uma forma mais enfática.

O ato ilocucional da asserção pode também ocorrer com tom 1 alto/baixo, médio/meio-baixo, etc... Essas variações, de acordo com nossa análise, correspondem a formas marcadas.

3.2.2 Ato Ilocucional da Interrogação

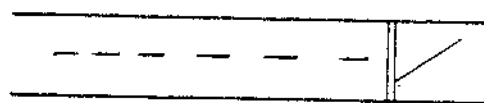
Existem dois tons básicos que caracterizam o ato ilocucional da interrogação e que ocorrem em perguntas do tipo sim/não ou em perguntas contendo pronomes interrogativos iniciais:

a) Perguntas do tipo sim/não:

(111) //2 Vo/cê /vai ao ci/nema /hoje?//



(112) //2 Ele fa/lou com vo/cê?//



O tom básico empregado em perguntas do tipo sim/não é o tom 2.

Existe um tipo de enunciado interrogativo, que em inglês é chamado de "echo question", e que constitui uma das formas marcadas dos enunciados interrogativos. As "echo questions" podem ocorrer de duas maneiras diferentes:

(i) Onde um interlocutor, ao enunciar a sentença,

refere-se a si próprio, ante um enunciado anterior, emitido por outra pessoa, mas que diz respeito ao próprio interlocutor:

(113) A- Você descontou o cheque?

B- EU DESCONTEI O CHEQUE?

(ii) Onde o interlocutor refere-se à pessoa que acabou de emitir o enunciado:

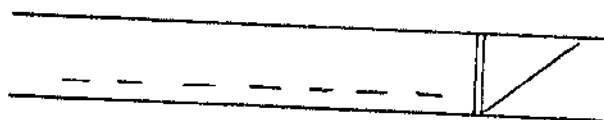
(114) A- Eu descontei o cheque.

B- VOCÊ DESCONTOU O CHEQUE?

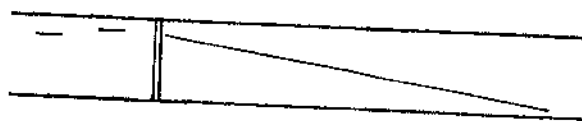
Ambos os tipos de "echo questions" expressam atitudes do falante, como por exemplo dúvida, admiração, surpresa, raiva, insistência, etc..., devido à sua própria natureza.

Os enunciados (111) e (112) também podem ser emitidos nesses termos, conforme verificamos abaixo:

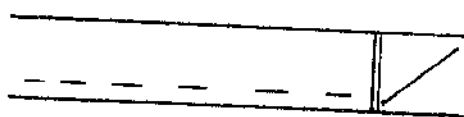
(115) //2+Vo/cê vai ao ci/nema /hoje?//



(116) //1.Vo/cê /vai ao ci/nema /hoje?//



(117) //2+Ele fa/lou com vo/cê?//



(118) //2⁺2⁺ Ele fa/lou com vo/cê?//



Em (115), temos uma ligeira mudança na altura do tom, que é baixo/alto. Em (116), ocorre uma mudança de tonicidade da penúltima sílaba "ho-" de "hoje" para "vai". Essa mudança é significativa no sentido de alongar o componente tônico do tom que agora tem início praticamente no começo da frase, indicando uma nítida supresa em relação ao fato de A ter ido ao cinema com B.

Em (117) e (118) temos duas possibilidades, ambas igualmente manifestando surpresa.

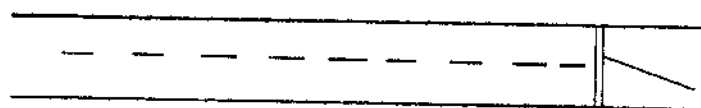
b) Perguntas contendo pronomes interrogativos iniciais:

O tom 1 é empregado com perguntas contendo pronomes interrogativos iniciais:

(119) //1~Quem /sabe a res/posta?//



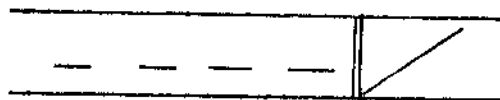
(120) //1 Quando /é que você /vai via/jar?//



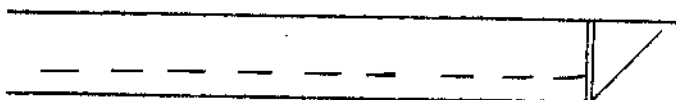
As perguntas que contêm pronomes interrogativos

iniciais também podem ser marcadas, como acontece com perguntas do tipo sim/não:

(121) //2+Quem /sabe a res/posta?//



(122) //2+Quando /é que vo/cê /vai via/jar?//



Em geral, quando o tom 2 é empregado em perguntas desse tipo, o enunciado tem o significado de surpresa, desapontamento, incredulidade, etc... Elementos pragmáticos como "background information" e o princípio de cooperação serão responsáveis pela distinção entre um significado ou outro.

3.2.3 Ato Ilocucional da Promessa

O ato ilocucional da promessa caracteriza-se, em primeiro lugar, quando há no enunciado o elemento de força ilocucional "prometer", e quando o enunciado se encontra na 1ª pessoa. Por exemplo:

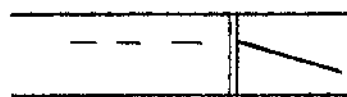
(123) Prometo ir à praia com você amanhã.

Entretanto, existem enunciados que, mesmo sem ter a força do verbo "prometer" também se realizam como promessas:

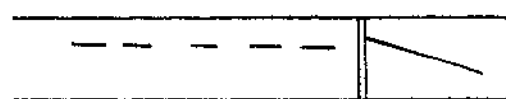
(124) //l~Eu vou fa/zer a /janta /hoje.//



(125) //l~Ele não /vem.//



(126) //l~Hoje /vamos à /praia.//



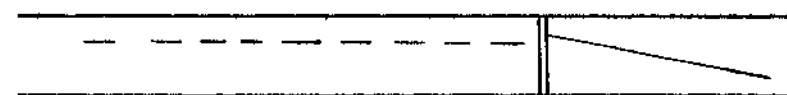
(127) //l~I/rei à /praia com vo/cê ama/nhã.



(128) //l~Fa/rei /todos os exer/cícios.//



(129) //l~Vou exami/nar esse paci/ente a/gora.//



Em termos de tom, o ato ilocucional da promessa, assim como o da asserção, realiza-se com tom 1. Entretanto, no caso da promessa, existem elementos inconfundíveis a partir dos quais podemos diferenciar esses dois atos:

(i) Em termos gramaticais, a promessa pode vir sob a forma gramatical futura ou presente contínuo.

(ii) "Factual background information".

(iii) Princípio de cooperação.

Por causa dos dois últimos itens, elaboramos agora um tipo de contexto para cada um dos enunciados mencionados acima:

(130) Ele não vem. (Ver também pág. 63)

A é mãe de B. B tem 5 anos. A emite (130). Mesmo estando no discurso indireto, este enunciado tem valor de promessa devido ao fato de que A pode tomar a palavra de B, já que B é ainda uma criança.

(131) Eu vou fazer a janta hoje. (Ver pág. 64)

(132) Hoje vamos à praia.

A, que é pai de três crianças, emite (132). Num contexto desse tipo, (132) tem o valor ilocucional de promessa já que se A não cumprir (132), as crianças poderão sempre dizer "Mas papai, você prometeu!"

(133) Irei à praia com você amanhã.

Em (133), a forma gramatical do próprio enunciado — 1ª pessoa do singular do futuro do indicativo — já indica, por parte do locutor, um certo comprometimento em relação ao conteúdo de (133). Tem, portanto, valor ilocucional.

(134) Farei todos os exercícios.

Em (134) ocorre o mesmo que em (133). O locutor se compromete ao emitir o enunciado na 1ª pessoa do singular do futuro. O enunciado, portanto, pode ter valor ilocucional de promessa.

(135) Vou examinar esse paciente agora.

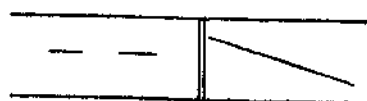
Para que (135) possa ser interpretado como uma promessa, devemos imaginar que A se encontra num hospital e está sendo constantemente requisitado por várias pessoas. A família de B, o paciente, descontente com o médico, pressiona-o para que examine B.

Vimos, portanto, que o ato ilocucional da promessa realiza-se com tom 1. Essa é a forma neutra, podendo ocorrer eventualmente com tom 3. Em termos de forma marcada, não encontramos propriamente a realização de promessas com outros tons. Entretanto, podemos dizer que estamos diante de um ato ilocucional da promessa de forma marcada quando ocorre mudança de tonicidade, de qualidade ou volume de voz e mudança de velocidade da fala.

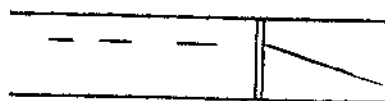
3.2.4 Ato Ilocucional da Ordem

O ato ilocucional da ordem caracteriza-se, em primeiro lugar, por sua forma gramatical. Isto é, em geral a ordem realiza-se quando há, no enunciado, um verbo na forma imperativa, como verificamos nos exemplos abaixo:

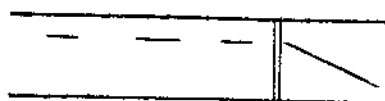
(136) //1~Abre a /porta.//



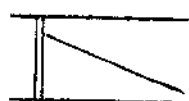
(137) //1~A/cende a /luz.//



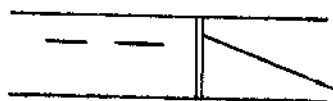
(138) //1~Me /traz a /calça.//



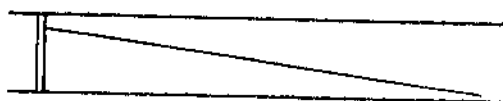
(139) //1. Come!//



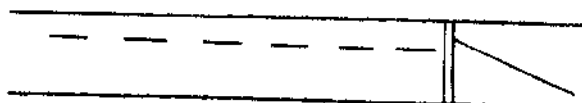
(140) //1. Cala a /boca.//



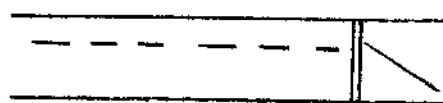
(141) //1. Lava a /louça prá /mim.//



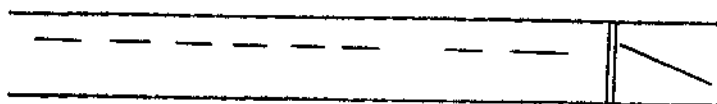
(142) //1~Deixa o ra/paz sosse/gado.//



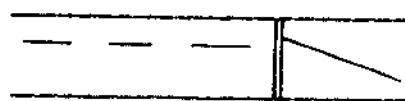
(143) //l.Vá estu/dar a li/ção.//



(144) //l~Quando vo/cê vi/er, /traga o /jogo.//



(145) //l~Não /feche a /porta.//



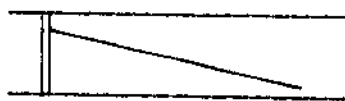
O ato ilocucional da ordem caracteriza-se pelo tom 1 meio-alto/médio/meio-baixo. Existem, entretanto, formas marcadas do ato ilocucional da ordem. Nesse caso, temos a ocorrência de uma sequência de tons, como pode ocorrer em

(146) //l~Abre a //l~porta.//



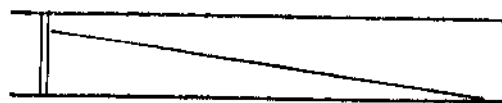
ou uma mudança de tonicidade para o início do enunciado, mantendo o mesmo tom, como podemos verificar em

(147) //l~Cala a /boca.//



ou mesmo em

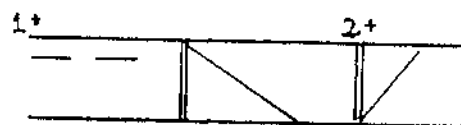
(148) //l~lava a /louça prá /mim.//



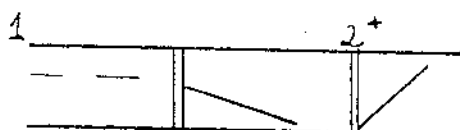
Além disso, mudanças de velocidade de fala e de qualidade de voz também são indicadores de formas marcadas do ato ilocucional da ordem.

Entretanto, é muito comum em português o uso de partículas como "né", "viu", "tá", e até mesmo "por favor", que são freqüentemente anexadas a enunciados que têm o valor ilocucional da ordem. Vejamos os seguintes exemplos:

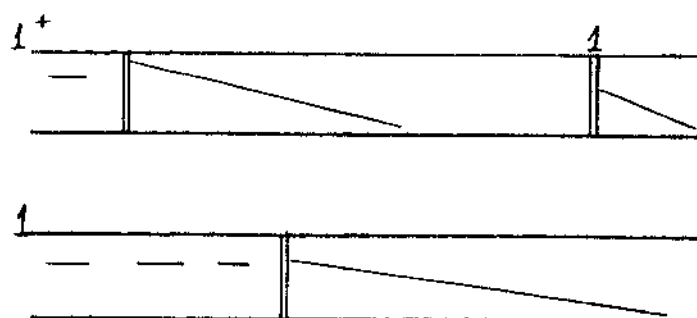
(149) //Abre a /porta, //né.//



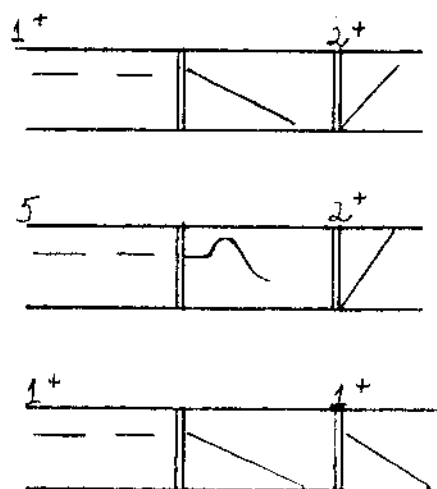
(150) //Abre a /porta, //viu.//



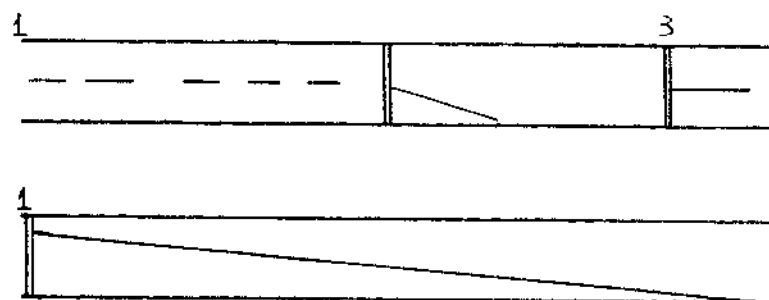
(151) //Me /traz a /calça, // por fa/vor. //



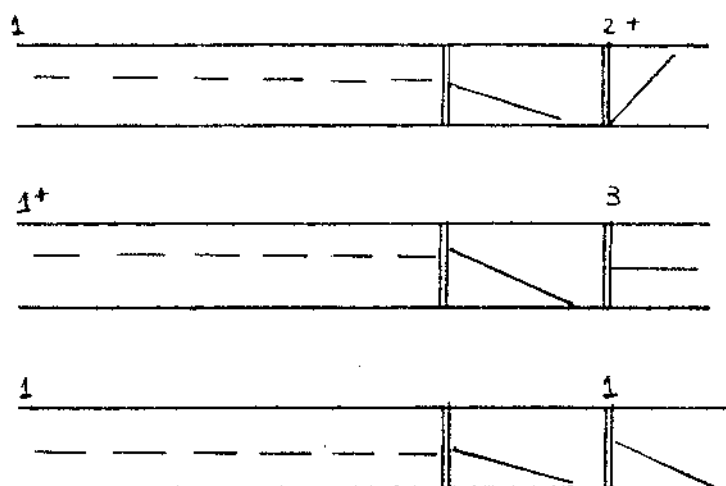
(152) //Cala a /boca, //tã. //



(153) //Lava a /louça prá /mim, //por fa/vor. //



(154) //Deixa o ra/paz sosse/gado, //viu.//²



A partir dos enunciados acima, podemos fazer as seguintes observações:

a) Existe uma diferença, por um lado, entre "viu", "né" e "tá" e, por outro lado, "por favor". "Viu", "né" e "tá" correspondem, em última instância, às seguintes perguntas: "ouviu?", "não é?" e "está?", enquanto que "por favor" pode ser parafraseado por algo como "eu te peço". Essa diferença é responsável pelo fato de que, quando "viu", "né" e "tá" são anexados a um enunciado, sempre constituem um grupo tonal separado (ver exemplos (149), (150), (152) e (154)). "Por favor" pode constituir um grupo tonal ou não (ver exemplos (151) e (153)).

2. As partículas "viu", "né" e "tá" podem ser usadas sem nenhuma pretensão por parte do locutor. Sendo assim, po demos dizer que nesse caso empregam-se de forma puramente fática.

b) Ao anexar as partículas "viu", "né" e "tá" a atos ilocucionais da ordem, os últimos mantêm o mesmo padrão entoacional anterior, isto é, tom 1. Encontramos uma única diferença no enunciado (152), que ocorre com tom 5+2. Consideramos que esse enunciado é marcado. Além disso, não ocorre apenas uma mudança de tom, mas também uma mudança na qualidade da voz, que se manifesta de forma ondulada, como se vê representado no gráfico correspondente a esse enunciado.

c) As possibilidades entoacionais das partículas "viu", "né" e "tá", quando anexadas a um enunciado, são: tom 1, tom 2 e tom 3. Existe, entretanto, uma diferença que concerne o significado, no que diz respeito à escolha de um dos três tons mencionados. O emprego de tom 1 acrescenta ao enunciado uma espécie de ameaça como que dizendo "Se você não fizer o que estou mandando, isso vai ter tais e tais consequências." Em outras palavras, os atos ilocucionais da ordem com partículas finais como "viu", "né" e "tá", com tom 1, são enunciados marcados. O emprego de tom 2 corresponde ao que chamamos de enunciado neutro. O emprego de tom nivelado traduz, na verdade, uma certa expectativa por parte do falante, e corresponde a uma continuação do diálogo por parte do ouvinte.

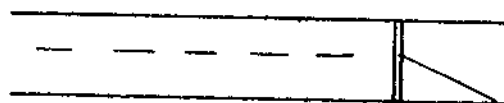
d) Vimos que as partículas "viu", "né" e "tá", quando anexadas a atos ilocucionais da ordem podem ocorrer

com três padrões entoacionais: tom 1, tom 2 e tom 3. Entretanto, achamos que existe uma diferença semântica entre essas partículas e que a escolha de uma ou de outra, seja em que tom for, resulta numa força maior ou menor do valor ilocucional do enunciado.

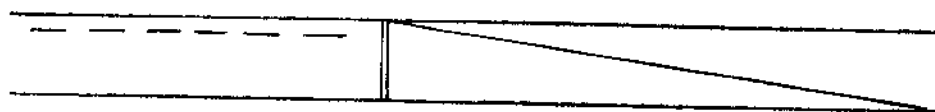
e) A partícula "por favor", que pode ou não, como já vimos, constituir-se num único grupo tonal, ocorre com tom 1 ou tom 3. Nunca ocorre com tom 2. A presença dessa partícula está mais de acordo com a realização de um pedido, mas achamos que a diferença entre uma ordem e um pedido, nesse caso, dá-se apenas a nível pragmático (ver pág. 84).

Dissemos no início do item 3.2.4 (Ato Ilocucional da Ordem) que a ordem se caracteriza, em primeiro lugar, pelo fato de ter marcas gramaticais explícitas, a saber, o imperativo. Entretanto, há enunciados que não possuem essas marcas e, no entanto, também têm o valor ilocucional, entre outros, de ordem, haja vista os seguintes enunciados:

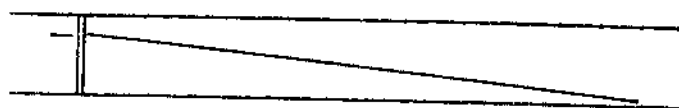
(155) //1 Por/que vo/cê não /vem?//



(156) //1+Eu gosta/ria que /todos pres/tassem aten/ção.//



(157) //1. A/gora vamos brin/car lá /fora.//



Sem dúvida, tanto (155) como (156) e (157) podem realizar-se não apenas como ordens, mas também como pedidos ou sugestões. É por esse motivo que imaginamos as seguintes situações em que esses enunciados poderiam perfeitamente ser emitidos com valor ilocucional de ordem. Devemos, entretanto, apontar para o fato de que muitas vezes, mesmo com dados pragmáticos a nosso dispor, não podemos rotular um determinado enunciado como sendo apenas X. Na verdade, pode ser X, Y ou até mesmo Z, concomitantemente:

(155) Por que você não vem?

B trabalha para A, assim como C, D e outros. A está mostrando aos empregados o funcionamento de várias máquinas que acabaram de chegar do exterior. Essas máquinas estão dispostas em diversas salas. Todo o grupo se desloca para uma outra sala, menos B. É nesse momento que A emite (155), isto é, "não fique aí, acompanhe-nos."

(156) Eu gostaria que todos prestassem atenção.

A está dando uma conferência. B e C entram no auditório atrasados e começam a perguntar aos outros o que o orador disse até aquele momento. A, naturalmente, sente

um certo mal-estar ante o murmúrio de B e C, emitindo (156), ou seja, "Calem a boca".

(157) Agora vamos brincar lá fora.

A, que dá aula no maternal, esgotou as atividades de sala de aula do dia e, cansada de tomar conta das crianças, emite (157), querendo dizer "Chega, agora vão lá prá fora".

Em nenhum momento, nos enunciados que mencionamos, é oferecida ao interlocutor alguma forma de resposta. É claro que pode eventualmente haver recusa, mas uma recusa, nos três enunciados que acabamos de mencionar, significa uma desobediência por parte do interlocutor. A não possibilidade de uma resposta é típico da ordem, coisa que não acontece, por exemplo, com o pedido, que dá margem a uma não aceitação por parte do interlocutor a respeito do que o falante diz.

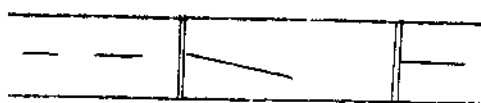
3.2.5 Ato Ilocucional do Pedido

O ato ilocucional do pedido, assim como o ato ilocucional da ordem, também se realiza com tom 1, conforme verificamos nos seguintes exemplos:

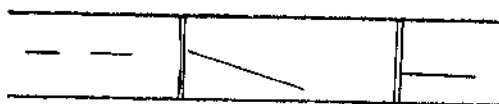
(158) //1-Abre a /porta.//



(159) //1-Abre a /porta, //3 né.//



(160) //1 Abre a /porta, //3 viu.//



O pedido possui as mesmas marcas gramaticais da ordem. Entretanto, existem algumas diferenças entre a ordem e o pedido, que apontamos a seguir:

- (i) Contexto.
- (ii) Posição social dos interlocutores.
- (iii) Sentimento que os interlocutores têm dessa posição social.
- (iv) Altura maior ou menor na emissão do volume de voz do enunciado, que traduzirá um efeito lingüístico específico.

A seguir, exemplificamos o exposto acima com o enunciado

(161) Me traz a calça, por favor.

O enunciado (161) é uma ordem se for emitido, por exemplo, nas seguintes circunstâncias:

- a) Uma patroa, A, está falando com a empregada, B, e A, apesar de dizer "por favor", está emitindo uma ordem pois a hierarquia social entre A e B está claramente

definida entre as duas.

b) B, apesar de A emitir "por favor" tem plena consciência de suas obrigações para com A.

O enunciado (161) é um pedido se for emitido nas circunstâncias que se seguem:

a) A e B, que são casados, foram convidados para um jantar e estão atrasados. B já está quase pronta quando A emite (161). Devido ao relacionamento de "igualdade" existente entre os dois, (161) é interpretado como um pedido.

b) (161) é interpretado como um pedido haja visto a "igualdade" entre A e B, mas, sem dúvida alguma, poderia ser interpretado como uma ordem. Nesse caso, B poderia tranquilamente recusar-se a satisfazer A.

3.2.6 Ato Ilocucional do Convite

O ato ilocucional do convite ocorre formalmente e informalmente. A seguir apresentamos um exemplo de um convite formal:

(162) Em nome de nossos pais

Walter Augusto Trunkle
Lindomar A.C. Trunkle

Aristides de Oliveira
Neli Gomes de Oliveira

vimos convidá-lo para a cerimônia religiosa do nosso enlace matrimonial, que se dará aos vinte e cinco dias de outubro de mil novecentos e oitenta às dezessete horas e trinta minutos na Igreja do Calvário, à R. Cardeal Arcoverde, 950, Pinheiros.

Sua presença nos dará muita honra e alegria

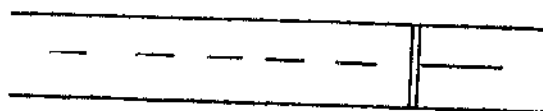
INGRID MALENA

e

JOSÉ AUGUSTO

Esse tipo de enunciado pertence apenas à língua escrita ou, quando muito, é emitido em circunstâncias formais peculiares, como formaturas, palestras, etc... Por esse motivo, não será analisado nesse trabalho. Concentrar-nos-emos, portanto, em enunciados mais informais, pertencentes à língua falada e que servem para veicular alguma forma de oferecimento. Não existe uma forma gramatical específica para o ato ilocucional do convite, como verificamos nos seguintes exemplos:

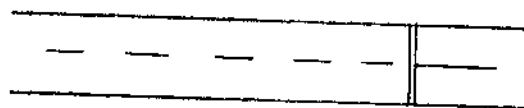
(163) //3 Por/que vo/cê não /yem?//



(164) //2+Vo/cê não /vai em/bora, //3 né?//

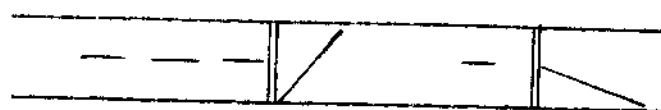


(165) //3 Eu /vim prá te aju/dar.//

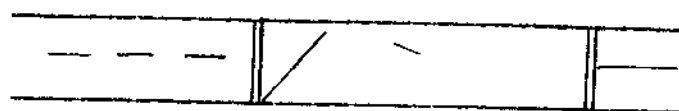


Entretanto, os enunciados (163), (164) e (165) têm algo em comum, ou seja, realizam-se com tom 3 e correspondem ao que chamamos de forma neutra. A forma marcada desses enunciados pode realizar-se da seguinte maneira:

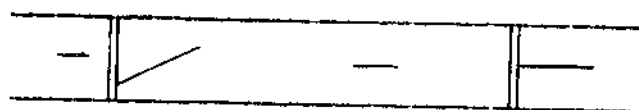
(166) //2+ Por/que vo/cê //1 não /vem?//



(167) //2+Vo/cê não /vai em/bora, //3 né?//



(168) //2 Eu /vim //3 prá te aju/dar.//



Como podemos ver nos exemplos, a forma marcada do ato ilocucional do convite implica quase sempre numa mudança de tonicidade, numa ênfase maior de um determinado elemento do enunciado, numa mudança de qualidade de voz. Resulta daí que o enunciado realiza-se numa sequência de tons, mantendo-se o segundo como nos enunciados neutros, isto é, tom 3.

3.2.7 Ato Ilocucional da Sugestão

Podemos dizer que sempre que o verbo "sugerir" estiver presente num enunciado, desde que não se encontre no passado ou na 3ª pessoa, temos a realização de um ato ilocucional da sugestão. Entretanto, o ato ilocucional da sugestão não se realiza através de uma única forma gramatical, como vemos nos exemplos que se seguem:

(169) Sugiro que vá estudar a lição.

(170) Porque você não vem?

(171) Abre a porta.

(172) Irei à praia com você amanhã.

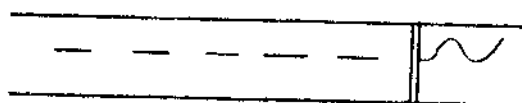
(173) Lava a louça prá mim.

(174) Cala a boca.

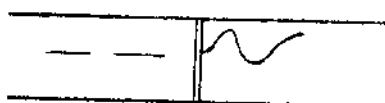
(175) Vá estudar a lição.

Nesses casos, o ato ilocucional da sugestão realiza-se com tom 1 e os enunciados correspondem a formas neutras do ato ilocucional da sugestão. Entretanto, te mos enunciados como os que veremos a seguir que, como po demos observar, realizam-se com tom 4. Esses enunciados correspondem a formas marcadas do ato ilocucional da sugestão. Em geral, além da mudança de tom, ocorre também uma mudança na qualidade de voz e na velocidade da fala:

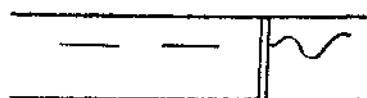
(176) //4 Por/que vo/cê não /vem?//



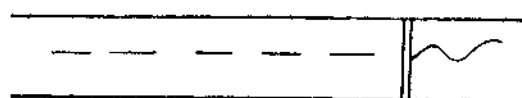
(177) //4 Abre a /porta.//



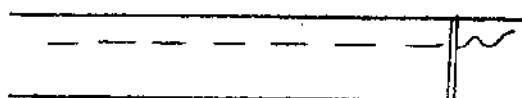
(178) //4 Cala a /boca.//



(179) //4 Lava a /louça prá /mim.//



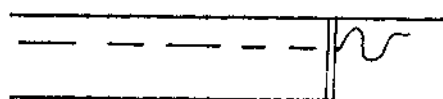
(180) //4 Irei à /praia com vo/cê.//



(181) //4 Por/que vo/cê não /fala com /ela?//



(182) //4 Vá estu/ðar a li/ção.//

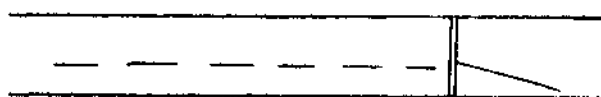


3.2.8 Ato Ilocucional do Conselho

Assim como no ato ilocucional da ordem o locutor visa seu próprio interesse, no ato ilocucional do conselho, ao contrário, o locutor visa o interesse de seu interlocutor sem, no entanto, saber se será ouvido. A forma gramatical imperativa aparece em muitos enunciados que se realizam como atos ilocucionais do conselho, mas não é a única.

Como vemos nos exemplos abaixo, o conselho realiza-se freqüentemente através de uma seqüência de tons. Em geral, o tom tem nível baixo, podendo acabar com voz tremulada:

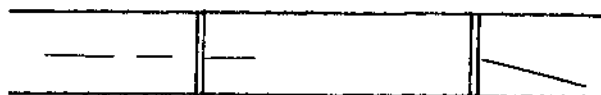
(183) //1 Deixa o ra/paz sosse/gado.//



(184) //1 Por/que vo/cê não /fala //3 ^com /ela?//



(185) //3 Vá estu/dar //1 ^a li/ção.//



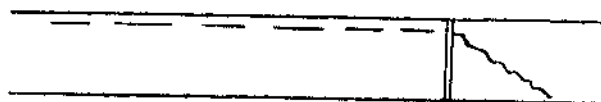
3.2.9 Ato Ilocucional da Súplica

No ato ilocucional da súplica, o locutor não mais visa o interesse de seu interlocutor, mas o dele mesmo (ver pág.90). Em geral, o tom empregado para o ato ilocucional do conselho caracteriza também o ato ilocucional da súplica. A diferença fundamental entre os dois reside nas mudanças de qualidade de voz que ocorrem quando fazemos uma súplica. Dá-se também uma mudança de ritmo, que passa a ser silábico. A voz aparece de forma sussurrada, especialmente no final dos enunciados. Os

elementos pragmáticos que indicam a relação de hierarquia entre os interlocutores também são decisivos na caracterização do ato ilocucional da súplica.

A seguir, mostramos alguns exemplos:

(186) //1+Deixa o ra/paz sosse/gado.//



(187) //1+Por/que vo/cê não /fala //3 com /ela?//



(188) //3+Vá estu/dar //1+ta li/ção.//



3.3 Tabela

A tabela abaixo mostra os diferentes atos de fala que acabamos de analisar com seus respectivos tons conforme sejam neutros ou marcados. Quando o enunciado é marcado, além da mudança de tom, ocorrem mudanças de qualidade de voz, volume, velocidade da fala e mudanças de tonicidade.

ATOS DE FALA	ENUNCIADOS NEUTROS	ENUNCIADOS MARCADOS
asserção	tom 1~	tom 5 tom 1+1
interrogação sim/não c/ pron. interrog.	tom 2 tom 1~ tom 1	tom 2+ tom 1. tom 2+2+ tom 2+
promessa	tom 1~ tom 3	
ordem	tom 1. tom 1~	tom 1+1~ tom 1+2+ tom 5+2+ tom 1+3 tom 1+1
pedido	tom 1 tom 1~ tom 1+3 tom 1+3	
convite	tom 3 tom 2+3 tom 2+3 tom 2+1	
sugestão	tom 4	
conselho	tom 1 tom 1+3 tom 3+1	
súplica	tom 1 tom 1+3 tom 3+1	

CAPÍTULO 4

CONCLUSÃO

O nosso objetivo principal foi o de mostrar como o elemento entoacional é determinante na manifestação do significado na língua, mormente nos atos de fala.

Apresentamos, num primeiro momento, os atos de fala sob os pontos de vista de Austin (1970), Ducrot (1972) e Searle (1974). Não nos detivemos, entretanto, em analisar as diferenças de ordem teórica que o estabelecimento dos atos de fala por esses autores acarreta. Isso fugiria do escopo do nosso trabalho. Segundo Austin, Ducrot e Searle, elementos de ordem pragmática são decisivos na descrição dos atos de fala. Levando em conta esses elementos e, no sentido de uma complementação maior na descrição dos atos de fala, acrescentamos o elemento entoacional. Acreditamos que os enunciados são marcados concomitantemente por mecanismos lingüísticos segmentais e supra-segmentais. Sistematizamos os tons do português brasileiro de acordo com Luiz Carlos Cagliari (1978), tendo como base o modelo entoacional de M.A.K. Halliday (1970) para o inglês britânico. Fizemos, além disso, uma explanação teórica dos estudos desse autor.

O modelo de M.A.K. Halliday pareceu-nos, nesse caso, o mais adequado na medida em que:

1. Considera os valores relativos das variações de altura. Segundo o autor, não existe um limite para a quantidade de diferentes contornos de altura que é teoricamente possível produzir e que o ouvido humano pode discriminar. Mas, nem todas as variações de altura que o falante usa são significativas. Por essa razão, tenta agrupá-las num pequeno número de variações de altura a que dá o nome de tons.

Halliday postula tons primários e tons secundários. Os tons secundários representam distinções mais sutis dentro dos tons primários, ou seja, os tons primários são empregados num primeiro grau de minúcia, e os secundários, em graus ulteriores de minúcia. O grau de minúcia é decidido segundo o ponto de vista que se adote. Halliday, por exemplo, considera que o modo declarativo, imperativo e o interrogativo polar/não-polar estão num primeiro grau de minúcia. Entretanto, para o modo interrogativo com pronomes interrogativos, Halliday postula um segundo grau de minúcia. Em nosso trabalho, consideramos os atos de fala e postulamos, para cada um deles, um tom primário e outros, secundários. Assim, por exemplo, o ato ilocucional da asserção realiza-se com tom 1 secundário meio-alto/meio-baixo, enquanto o ato ilocucional do pedido realiza-se também com tom 1, porém primário. Essas descrições correspondem sempre à forma mais neutra que encontramos, dentro de cada ato de fala.

2. Halliday considera a entoação como um elemento não apenas fonológico, mas, dependendo do enunciado, sintático e semântico.

3. Halliday considera que os contrastes feitos pela entoação não são de ordem lexical, mas gramatical.

4. Considera que a entoação é passível de ser sistematizada, como já foram sistematizados os elementos segmentais da língua.

5. Considera, ainda, que a seleção que fazemos de um ou outro tom é discreta tanto sintagmática quanto paradigmaticamente.

6. Estabelece uma unidade básica de entoação — o grupo tonal — e critérios para a segmentação dos enunciados em grupos tonais.

Num segundo momento, uma vez estabelecidas as bases sob as quais trabalhar, analisamos um corpus de mais de 200 enunciados sob três pontos de vista. Em primeiro lugar, analisamos os enunciados apenas com relação às variações melódicas da fala. Em segundo lugar, verificamos a que tipo de atos de fala correspondiam os diversos padrões melódicos, e em terceiro lugar, fizemos a análise entoacional mais abrangente levando em conta elementos gramaticais e pragmáticos.

A partir dessa análise, foi-nos possível delimitar o papel da entoação nos atos de fala em português, chegando

à conclusão de que

1. Os atos de fala se manifestam através de padrões entoacionais definidos.

2. Há muitas formas de dizer um ato de fala, sendo a entoação uma delas. Isto é, o valor de um enunciado é dado, muitas vezes, apenas a partir da entoação, o que equivale a dar à entoação um estatuto gramatical bem claro e definido.

3. A entoação, assim como outros elementos gramaticais, também possui seus limites.

Foi encontrado, para cada ato ilocucional, um tom a que demos o nome de neutro, após ter verificado que ocorria na grande maioria das vezes, sempre que não havia razão para que fosse mais enfático. Sem dúvida, mesmo podendo dizer que o tom secundário é uma variante do tom primário, verificamos que ambos são significativos, tendo o tom secundário maiores consequências na medida em que envolve outros fatores que ainda não foi possível sistematizar, como atitudes do falante e outros aspectos psicológicos ainda não muito estudados. O presente trabalho constitui-se numa tentativa de reconhecimento desses elementos que são, em geral, relegados a um segundo plano.

Fizemos também algumas considerações relativas ao significado dos tons, procurando estabelecer um paralelo com a teoria dos atos de fala proposta por Ducrot e

verificamos que:

O tom 1, descendente, descrito por Halliday como uma asserção não envolvendo polaridade, está de acordo com a relação que se estabelece entre falante e ouvinte quando emitimos, por exemplo, um enunciado como

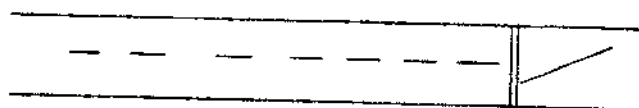
(189) //1 Abre a /porta.



O locutor, ao enunciar (189) possui, ou acredita que possui certa superioridade em relação ao interlocutor. Isso faz com que o interlocutor obedeça ou então corra o risco de desentender-se com o locutor.

O tom 2, ascendente, que corresponde ao que Halliday define como uma indagação envolvendo polaridade, também encontra seu paralelo nos atos de fala. Verificamos esse fato no ato ilocucional da interrogação do tipo polar/não-polar:

(190) //2 Vo/cê /vai ao ci/nema /hoje?//

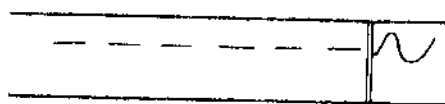


O enunciado (190) mostra como o locutor 'obriga' o interlocutor a uma réplica, seja esta positiva ou negativa. Não dizer nada, nesse caso, é ser muito mal-educado.

O tom 3 caracteriza-se por ser um tom nivelado. Ao emitir um enunciado com tom 3, o locutor deixa em aberto um outro enunciado que deve ser emitido ou pelo menos pensado pelo interlocutor. Isso é o que Ducrot chama de alteridade, ou seja, a necessária presença do outro no intercâmbio verbal, seja para completá-lo ou representá-lo. O tom 3, então, é empregado como um mecanismo que permite ao locutor dizer alguma coisa sem realmente ter dito.

O tom 4, descendente-ascendente, corresponde, segundo Halliday, a uma asserção envolvendo uma indagação. O tom 4 é, de certa forma, a soma dos tons 1 e 2. O tom 4 é o tom típico do ato ilocucional da sugestão, que nada mais é do que uma asserção que o locutor espera que o interlocutor siga, para o seu próprio bem:

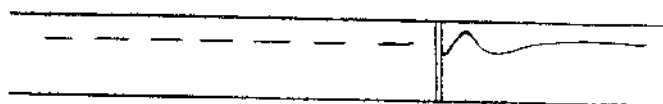
(191) //4 Vá estu/dar a li/ção//



(192) //4 Por/que vo/cê não /fala com /ela?//



(193) //4 Irei à/praiã com vo/cê ama/nhã.



Nos enunciados (191), (192) e (193) o falante tenta, de certa forma, persuadir o ouvinte de que se "ele estudar a lição", se "ele for à praia com ela" ou se o falante "falar com ela", isso reverterá em seu próprio benefício, será bom.

O tom 5, ascendente-descendente, pode ser caracterizado como a soma do tom 2 mais o tom 1. Não encontramos esse tom nos atos de fala analisados, a não ser no ato ilocucional da asserção, onde funciona sempre como tom marcado. Por essa razão, evitamos maiores comentários.

O tom 6, que também não foi encontrado nos atos de fala analisados é, em geral, empregado, segundo Cagliari (1978) em orações adjetivas com pronomes relativos, conforme verificamos abaixo:

(194) //6 Foi a Ma/ria que se machu/cou.//



Em suma, verificamos no trabalho que o significado de um enunciado está na somatória de diversos elementos, tanto lingüísticos quanto pragmáticos. Entretanto, tentamos mostrar que o elemento entoacional deve ser levado em conta, ou seja, deve ser parte integrante na descrição de uma língua, pois faz parte da gramática tanto quanto outros elementos. Quando o elemento entoacional não é suficiente

para a caracterização dos enunciados, entram em jogo elementos pragmáticos que, nesse caso, têm o poder de decisão na caracterização dos mesmos.

Sem dúvida, encontramos no trabalho algumas dificuldades. Acreditamos que são pontos interessantes para investigações futuras. A seguir enumeramos alguns desses itens:

1. Achamos que a verificação dos enunciados através de gravações minuciosas, e a medição de altura, intensidade e duração, assim como outros elementos, através de aparelhos especializados, é essencial para que se possam obter dados mais precisos.
2. Faz-se necessário, portanto, estabelecer diferenças nítidas entre esses elementos e os correlatos físicos do som.
3. Observamos que a entoação sofre algumas modificações sempre que há variação dialetal ou de registro e quando nos encontramos face à leitura.
4. A relação entre o ritmo, a qualidade de voz e a entoação também deve ser alvo de investigação mais detalhada.
5. A relação entre foco do enunciado e a entoação é outro ponto interessante no qual não nos detivemos.
6. Certas partículas, como por exemplo, "tá", "né" e "viu", quando anexadas a atos ilocucionais da ordem

têm a peculiaridade de marcar esses atos ilocucionais, isto é, fazer com que se tornem mais enfáticos, insistentes. Além disso, achamos que cada uma dessas partículas tem um valor semântico mais ou menos forte, apesar de não termos podido pesquisar exatamente qual é esse valor.

7. Verificamos que a entoação é capaz, por si só, de anular a ambigüidade sintática de certos enunciados.

8. Não nos detivemos na verificação da compreensão de um enunciado por diversos falantes, que pode ser distinta. Para isso seria necessário estudar melhor os aspectos psicológicos e sociológicos que sem dúvida interagem no discurso. Entretanto, acreditamos que não ocorrem desentendimentos devido a uma identificação errada do tom já que a entoação não é o único elemento de significação do enunciado.

9. Achamos que a entoação exerce um papel fundamental na gramática de uma língua como o português. Ao sistematizar o complexo sistema entoacional do português a partir dos atos de fala, tentamos dar um passo para o reconhecimento da entoação como parte integrante da gramática.

As soluções encontradas nesse trabalho não são de maneira nenhuma conclusivas. Apenas esperamos ter dado um pequeno passo no sentido de elucidar alguns elementos entoacionais na língua portuguesa.

BIBLIOGRAFIA

1. ABERCROMBIE, David. (1967) Elements of General Phonetics, Edinburgh University Press, Edinburg.
2. AUSTIN, J.L. (1970) Quand Dire C'est Faire, Seuil, Paris, tradução francesa do "How to do Things with Words".
3. CAGLIARI, L.C. (1978) O Sistema Entoacional do Português Brasileiro. Datilografado. Unicamp.
4. CAGLIARI, L.C. (1979) Os Tons do Português Brasileiro. Datilografado. Unicamp.
5. CRYSTAL, David. (1969) Prosodic Systems and Intonation in English, Cambridge University Press, Cambridge.
6. DUCROT, Oswald. (1972) Dire et ne pas Dire. Principes de Sémantique Linguistique, Herman, Paris.
7. Ducrot, Oswald. (1975) La Description Sémantique en Linguistique in Journal de Psychologie, 6.
8. GEBARA, E. (1976) Alguns Aspectos da Intonação do Português. Dissertação de Mestrado, Universidade de Campinas, Campinas.
9. GREEN, G.M. (1975) How to Get People to do Things with Words: Wh-Imperative, in Syntax and Semantics: Speech Acts. Edited by Peter Cole and Jerry L. Morgan, Vol. 3, Academic Press, New York.

10. GRICE, H.P. (1975) Logic and Conversation, in Syntax and Semantics: Speech Acts. Edited by Peter Cole and Jerry L. Morgan, Vol. 3, New York.
11. HALLIDAY, M.A.K. (1970) A Course in Spoken English: Intonation, Oxford University Press, London.
12. HALLIDAY, M.A.K. (1967) Intonation and Grammar in British English, Janua Linguarum, Serie Practica 48, Mouton, The Hague.
13. PIKE, K.L. (1945) The Intonation of American English, University of Michigan Press, Ann Arbor.
14. RAMEH, Cléa. (1962) Contrastive Analysis of English and Portuguese Intonation. MA Thesis, Georgetown University.
15. SEARLE, R.J. (1975) Indirect Speech Acts, in Syntax and Semantics: Speech Acts. Edited by Peter Cole and Jerry L. Morgan, Vol. 3, New York.
16. SEARLE, R.J. (1974) Speech Acts, Herman, Paris, tradução inglesa do "Les Actes de Langage".
17. VOGT, Carlos. (1973) A Palavra Envolvente, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas.
18. VOGT, Carlos. (1977) O Intervalo Semântico. Editora Ática, São Paulo.

SÍMBOLOS USADOS NA DESCRIÇÃO DE SISTEMAS ENTOACIONAIS

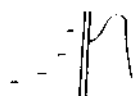
/	pé
//	grupo tonal: GT
	limite entre pretônica e tônica na representação pictórica
~	representação pictórica da tônica
---	representação pictórica da pretônica
1	sistema de tons simples
13	sistema de tons compostos
3+1	sequência de tons
1+	tom secundário (com variação da tônica)
+1	tom secundário (com variação da pretônica)

SISTEMA DE TONS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Tons Primários Simples:

Tom 1	---	tônica descendente média-baixa
Tom 2	---	tônica ascendente meia-baixa/meia-alta
Tom 3	---	tônica média nivelada
Tom 4	---	tônica descendente-ascendente meio-alta/média/alta

Tom 5



tônica ascendente-descendente meio-
alta/meio-baixa

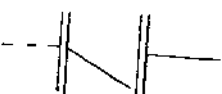
Tom 6



tônica alta nivelada, passando a
baixa nivelada, por salto

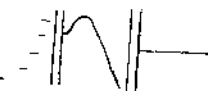
Tons Primários Compostos

Tom 13



Tom 1, mais Tom 3 sem pretônica

Tom 53



Tom 5, mais Tom 3 sem pretônica

Tom 63



Tom 6, mais Tom 3 sem pretônica

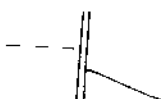
Tons Secundários

Tom 1+



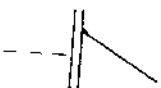
tônica descendente alta/baixa

Tom 1-



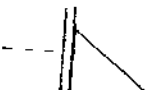
tônica descendente meio-baixa/baixa

Tom 1~



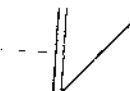
tônica descendente meio-alta/meio-baixa

Tom 1•



tônica descendente meia-alta/baixa

Tom 2+



tônica ascendente baixa/alta

Tom 2-



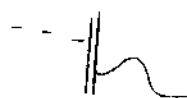
tônica ascendente média/alta

Tom 3+



tônica nivelada alta

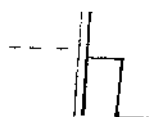
Tom 4-

tônica descendente-ascendente meio-
baixa/média/baixa

Tom 5-

tônica ascendente-descendente baixa/
meio-baixa/baixa

Tom 6-

tônica média nivelada passando a baixa
por salto